

# PENTAGRAMA

*A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção dos leitores para a nova era que começou para o desenvolvimento da humanidade.*

*O Pentagrama sempre foi, em todos os tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual acontece a manifestação do plano divino.*

*Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, permanece no caminho de transfiguração.*

*A revista Pentagrama convida o leitor para operar esta revolução espiritual em si mesmo.*

## ÍNDICE:

- 2 OS ELEMENTAIS  
DA ESFERA AURAL
- 13 FIM DAS ILUSÕES:  
COMEÇO DA NOVA VIDA
- 15 PARSIFAL, A SENDA  
INICIÁTICA CRISTÃ  
NA OBRA DE WAGNER
- 24 OS VALORES OPOSTOS  
DA VIDA
- 30 A FRATERNIDADE DOS  
ESSÊNIOS
- 35 SERVIDORES  
DA LUZ
- 39 A REALIDADE  
DA REENCARNAÇÃO

1996  
ANO 18  
NÚMERO 5

# OS ELEMENTAIS DA ESFERA AURAL

*Raros são aqueles que, interessados pela ciência esotérica, nunca ouviram falar do “Guardião do Umbral”, este elemental que certamente cada um de nós carrega em sua esfera aural, criado e mantido como está, através de uma série ininterrupta de vidas terrestres.*

**E**ste elemental, que é a revivificação de todo o mal que o homem cometeu, mantém-se vivo enquanto provoca seu criador para que ele pratique o mal, pois a corrente aural que vem do mal constitui sua base de existência.

Muitas vezes já ouvistes que, desde o momento em que alguém põe o pé na senda já começa a purificação de sua esfera aural, harmonizando suas correntes com as leis divinas de construção, o que provoca, naturalmente, uma crise em seu próprio sistema. Ora, esta crise provoca um encontro, um confronto corporal com o elemental do mal que, ameaçado em sua própria existência, tenta, com todas as suas forças, arrastar seu princípio alimentador de vida.

As antigas narrativas contam que, nove vezes em dez, é o Guardião do Umbral quem obtém uma vitória brilhante. Assim, deduzimos que este elemental, por necessidade vital — pois esta é uma questão de vida ou morte para ele — barra a passagem que conduz ao outro reino, o Reino da Luz.

Logo que este elemental é aniquilado, totalmente neutralizado, é possível ultrapassar a porta que conduz ao outro reino.

## UMA IMAGEM INCOMPLETA DO ADVERSÁRIO

Eis, em poucas palavras, o que nos ensinam as narrativas.

Conquanto que não queiramos negá-las, encontramos aqui, como em quase toda a literatura esotérica, apenas uma verdade muito incompleta, quase uma meia-verdade que, por isto mesmo é muito perigosa. O Guardião do Umbral é criado pela atividade mental da consciência do eu dialético e é mantido vivo pelas atividades desta mesma consciência.

Portanto, o candidato que se encontra na senda de libertação deve manter-se extremamente vigilante quanto ao que faz nascer este monstro do mal, considerando que sua manifestação é a consequência de seus próprios atos!

Querer fugir às seqüências de seus próprios erros é não ter profundidade, nem lógica, nem inteligência. Se desejais elevar-vos acima de toda a miséria, dor e sofrimento, é preciso fazer desaparecer as causas: é por isso que deveis compreender claramente os erros das narrativas sobre as quais falamos. Imaginai que alguém, levado por sua consciência-eu, tentasse fugir das consequências das atividades desta consciência e depois, como se nada tivesse acontecido, entrasse na vida superior com um sorriso de beato nos lábios. Ninguém jamais conseguiu isto! Alguns até chegaram a iludir-se, mas a realidade estava bem longe. Um tipo de pseudo-aluno como este pode perseverar durante muito tempo nesta mistificação e, com a maior boa-vontade do mundo pode até eventualmente induzir em erro os outros e a si mesmo, mas jamais fará parte da nova vida nestas condições.

É claro que ele pode começar uma “outra” vida, pois, assim como o deus romano Janus, o núcleo da consciência dialética tem dois aspectos. Ele pode desdobrar-se em duas atividades de consciência, sendo que uma seria positiva e outra, negativa. Desde o momento em que nos sentimos fartos do mal, sempre poderemos provocar uma transformação e nos voltarmos para o que é considerado convencionalmente como “bem” e “bom”. Chamamos isto de “conversão”. Geralmente, quem determina a atitude moral convencional deste tipo de conversão é a natureza e o meio. É claro que, neste caso, não se trata de uma transformação fundamental. Estas conversões, apesar de serem facilmente explicáveis, não passam do resultado de cambalhotas e reviravoltas da existência na natureza dialética. É apenas o instinto de conservação da personalidade: sempre que for necessário, um aspecto diferente é acentuado.

Nas agitações do oceano da vida, sempre se vão erguendo novos obstáculos que vamos criando para nós mesmos. Logo que vencemos um, criamos automaticamente outro, e assim nossa vida vai ficando cheia de preocupações, de tensões e de angústias que a agitam, fazendo-nos cometer erros que, por sua vez, voltam-se duramente contra nós. E aí está o resultado: sempre há um fantasma assombrando nossa esfera aural!

Será que não seria preferível descobrir as causas fundamentais de todo este sofrimento, para fazê-lo desaparecer?

Na Rosacruz Áurea, achamos que a causa de toda a miséria humana encontra-se na consciência, naquilo que chamamos de consciência-eu.

No momento em que o núcleo da consciência dialética deixa de existir em



sua forma atual, o sofrimento termina para sempre. Todas as tentativas da Gnosis, desde a queda do homem, têm esta finalidade.

#### NOVA TENTATIVA DE LIBERTAÇÃO

Até o presente momento, todas estas tentativas de restauração não tiveram nenhum efeito sobre a humanidade atual. Reincidimos no erro milhares de vezes, somos casos praticamente perdidos e desesperados, a não ser por pertermos ao grupo proporcionalmente

O microcosmo incluso no macrocosmo. (*Utriusque Cosmi*, Robert Fludd, 1617).

pequeno que busca febrilmente uma saída. É este desejo manifesto de libertação que parte de um grande número de nós, associado ao esforço poderoso e dinâmico da Hierarquia da Luz para ajudar, se possível, os homens decaídos, que nos dá a coragem de ainda indicar o antigo caminho da transfiguração. Neste artigo, gostaríamos de fazê-lo com os olhos fixos neste fantasma perigoso que conhecemos teoricamente como o Guardião do Umbral.

Todas as ciências esotéricas falam de um homem superior e de um homem inferior: de um homem original, que é o “Outro”, o celeste, e de um homem terrestre. Os antigos falavam, portanto, de duas consciências: a consciência do “Outro” celeste, e a consciência do homem comum.

Estes dois seres não têm nada em comum, e certamente não são a imagem recíproca um do outro, como deixavam supor as antigas gravuras mágicas em que um rosto grosseiro e animal mostra uma semelhança inegável com um outro do mesmo tipo, porém nobre e espiritualizado. O homem celeste original é o homem verdadeiro, o eleito por Deus; o homem que conhecemos muito bem não passa de uma aparência de homem, um ser que desenvolveu-se ao lado do homem verdadeiro em um microcosmo muito complexo, logo depois de uma situação fatal.

Assim como o homem original é uma criação divina, a aparência de homem que somos é uma criação do homem original, concebida experimentalmente durante um período dramático da história humana. Portanto, pode-se dizer que esta aparência de homem, chamada em nossa filosofia de homem dialético, é o Guardião do Umbral que se coloca como adversário do homem divino.

Portanto, é evidente que a existência desta aparência de homem no microcosmo impede, e muito, a manifestação e o desenvolvimento do homem original. “O criador sempre estará ligado a sua criatura”: esta é uma lei que rege todos os domínios da matéria e do Espírito. O

homem original, o criador desta aparência de homem, não pode abandonar a obra de suas mãos.

Se esta obra é “má” e não está de acordo com o plano do Logos, ela vai manter seu criador aprisionado.

Este aprisionamento do homem verdadeiro a sua criação imperfeita aparece esboçado em inúmeros mitos e escrituras sagradas, e muito logicamente, é representado como uma queda, uma catástrofe.

### **LIBERAÇÃO DE PODERES DIVINOS**

Se o homem verdadeiro quiser viver, quiser seguir sua verdadeira vocação, a aparência de homem deve ser aniquilada até sua última fibra. O Guardião do Umbral é, portanto, o “fantasma de um fantasma”.

No que diz respeito a esta situação precária, poderíamos raciocinar da seguinte maneira: se o homem celeste ao menos se afastasse da aparência de homem criada por ele no passado e dirigisse novamente toda a sua atenção para sua missão divina, a aparência de homem haveria de dissolver-se, talvez lentamente, mas com toda a certeza.

Infelizmente, não é tão simples! Quando o homem dialético, o homem aparente, foi formado por seu criador original, ele recebeu também um pouco de seu poder e de suas qualidades divinas, que lhe permitiram, por meio de uma cultura de milhares de anos, chegar a uma existência completamente independente, com todas as conseqüências que isto envolve.

### **APARÊNCIA E REALIDADE: UM EMARANHADO DIFÍCIL DE DESEMBARAÇAR**

Ora, estas conseqüências agravaram a situação de tal maneira que a atual existência da humanidade apresenta um emaranhado entre aparência e rea-

lidade que é difícil de desembaraçar. Estas aparências nos parecem ser tão reais que desconhecemos completamente a realidade verdadeira, que é o homem celeste primordial. E, quando alguém faz uma tentativa de desmascarar as aparências e indicar o caminho da transfiguração, o homem fica, em um primeiro momento, bastante assustado, depois penosamente tocado e, depois, completamente hostil.

Cada vez mais este tipo de tentativa de salvação do mundo e da humanidade trazem um grande perigo para aqueles que o empreendem. Compreendi bem em que consiste este perigo.

Não estamos falando das inúmeras torturas que alguns obreiros tiveram de suportar, nem estamos referindo-nos ao fato de terem sido massacrados aos milhares, pois estas torturas e estas angústias mortais tocavam apenas a aparência humana e não podiam de modo algum ser fatais.

O perigo é que o trabalho não possa jamais ser completado, que ele seja entravado em seu andamento progressivo. Se os maniqueus, e mais tarde os cátaros, tivessem podido continuar sua obra sem serem interrompidos, o mundo atual seria completamente diferente.

### ESTAR FORA DO PLANO DIVINO

O homem dialético, o elemental aural do homem original, tem uma existência autônoma, independente de seu criador.

O homem celeste, portanto, caiu em um estado extremamente alarmante: acabou criando algo que escapa a seu controle. É por isso que a antiga sabedoria o qualifica de “acorrentado”, de “enforcado”, aquele que está de cabeça para baixo. Ela o representa como o “expulso do Paraíso”, como Prometeu acorrentado aos duros rochedos da realidade aparente que ele próprio criou.

Fantasmas dialéticos, nós continuamos a brincar de construir um paraíso sobre a terra. Isto é possível por sermos

equipados, como o somos, por nosso criador. Resultado: assassinato, sangue, lágrimas, sofrimento indescritível, pois nos falta o selo divino.

De tempos em tempos, há uma pequena nesga de luz, um pouco de bondade, um pouco de paz, temos um pouco de esperança, mas logo volta a desilusão.

O fantasma dialético cria e gera. Ele povoa o mundo, a esfera etérica e as regiões do mundo dos desejos; ele povoa, principalmente, sua própria esfera aural com monstros de seu próprio ser. Da mesma forma que as centelhas divinas geradas pelo Pai universal multiplicam-se, uma sinistra paródia desta diferenciação divina é posta em cena. A aparência humana não recua diante de nada: também criadora, no espírito e na

Oito degraus conduzem a alma a sua pátria original (*De Nova Logica*, Raymond Lulle, 1512, Livraria Britânica, Londres).



matéria. É assim que o mundo tornou-se um inferno de fogo ardente povoado de demônios.

As criações do homem dialético também têm uma existência independente. Pensai nos antigos testemunhos. A aparência humana, a sombra humana, como a qualifica a sabedoria antiga, perpetua sua ação criadora em coletividade, à medida que suas aspirações e necessidades pessoais o requeiram. É assim que são criados os fantasmas coletivos, e muita gente as chama inocentemente de imagens mentais vivas. Pensai nas bonecas de Madame Mandalipp, no Golem do gueto da velha Praga, e também no grande número de deuses e ídolos que muita gente conserva vivos e dos quais muitos são vítimas.

Mas isto não seria tão grave, pelo contrário, isto seria muito desejável se significasse o fim do homem-aparência; mas, como sabeis, este homem continua ligado à roda do nascimento e da morte; e vagueia, encarnado ou desencarnado, através das regiões da matéria e do espírito. Compreendeis agora, por que Cristo disse:

“Meu reino não é deste mundo”? Compreendeis por que os instrutores mundiais falam em transfiguração?

E agora, o que é exigido deste homem terrestre mais que complexo em sua grotesca diversidade, em sua realidade e em sua aparência, para que seu sofrimento, sua miséria e suas limitações desapareçam? O que é exigido para que seja restabelecido o plano divino original em todo o seu esplendor, em benefício do mundo e da humanidade?

O objetivo é romper os entraves que continuam mantendo o homem original acorrentado, e promover sua volta para o Reino dos Céus.

O meio para alcançar este objetivo é a desagregação, a total dissolução da aparência humana, até mesmo em seus átomos — pois, enquanto este ser aparente existir, de um modo ou de outro (profundamente desenvolvido ou completamente decaído), seu criador, o homem original, continuará sempre ligado a ele.

## O ROMPIMENTO DO EU

Mas o rompimento do eu, este aniquilamento, não pode vir do alto, ou pelo menos isto já não é possível, por causa da independência que foi conquistada por este homem aparente; isto deve ser feito a partir de baixo, a partir deste próprio homem-aparência, desta sombra de homem. E isto por meio de Cristo, que lhe dá a força. Este é o fundamento essencial da auto-ofereção crística, da auto-entrega de nossos instrutores cátaros, e é isto que entendemos por rompimento do eu.

Para muitos, a auto-ofereção não passa de uma participação, de um ato de bondade, um ato humanitário. Raros são aqueles em quem irradia o princípio da auto-ofereção de profunda sabedoria, conforme João Batista. Somente estes podem dizer, com os olhos fixos no homem original: “Ele deve crescer e eu diminuir” (João, 3:30). Este é o processo indicado pelo próprio Mestre, quando diz: “Aquele que perder sua vida por amor a mim, acha-la-á” (Mateus 10:39).

Infelizmente, bem poucos vêem este caminho regenerador. Um frágil laço ainda liga, dentro deles, o homem original divino e o homem aparente. Neste caso, eles conseguem compreender a doutrina da Rosacruz Áurea e podem ver claramente a razão, a urgente necessidade científica deste aniquilamento pessoal. É com alegria que desejam realizar a auto-entrega para a regeneração do ser que os gerou. E, só em saber que suas centelhas divinas, totalmente despojadas, reintegrarão o “Outro”, o celeste, sentem uma verdadeira alegria, um júbilo que ultrapassa toda e qualquer compreensão, uma beatitude que lhes faz achar que todo o sofrimento e tristeza têm pouca importância. E, assim, haverá de terminar sua perdição, sua via dolorosa.

O homem dialético é, portanto, uma criação imperfeita do ser original e é assim que podemos qualificá-lo de Guar-

dião do Umbral do homem celeste. Este conhecimento espiritual pode finalmente esclarecer profundamente muitos conceitos e situações que continuavam obscuros até hoje.

Primeiro, precisamos compreender muito bem que o homem, tal como ele é atualmente, também é um criador no sentido completo do termo. Não nos estamos referindo ao ato procriador, destinado a perpetuar a raça humana, mas à atividade criadora do homem em um sentido muito mais amplo. Todos os que se interessam pelo esoterismo sabem que a natureza manifestada, em toda a sua extensão, ou seja, toda a vida material ou sutil, é constituída por éteres. Portanto, cada pensamento humano exerce uma atividade etérica, pela qual os efeitos do pensamento tornam-se formas visíveis e sensíveis, além das atividades humanas comuns.

Quando, por exemplo, nossos pensamentos são especulativos, estas formas também serão especulativas. Elas se apresentam nitidamente em nossa esfera aural, sem ter qualquer fundamento ou base racional. Por isso, podem ser claramente estorvantes para quem as cria, ainda que não se liguem ou influenciem muito seu criador,

Quando os pensamentos são criados com mais força, baseados em uma reflexão racional, então as formas que são trazidas à vida desta maneira são mais poderosas e muito mais importantes para seu criador.

#### **LIGAÇÃO DA CRIATURA COM SEU CRIADOR**

Esta faculdade criadora, da qual o homem limitado em sua natureza não tem nenhuma idéia, é maravilhosa. Ficaríeis extremamente espantados se pudésseis observar vossa esfera aural e contemplar todas as criações que se foram acumulando em vosso campo de respiração no decorrer dos tempos, e que aí se encontram, misturadas, associadas e separadas.

Como estas criações estão profundamente ligadas à terra, não é necessário argumentar para demonstrar que tipo de conseqüências funestas decorrem delas. As atividades criadoras dos seres humanos vão-se sucedendo continuamente, sem uma compreensão mais profunda de seus resultados e com um enorme gasto de energia. Mas, cedo ou tarde, eles sentem os efeitos pois, no campo aural de seu criador vai-se desenvolvendo um elemental, que é medido com a própria medida daquele que utilizou para trazê-lo à vida.

Todos os contos e lendas sobre varinhas de condão e outros objetos mágicos atraem a atenção para esta faculdade criadora ilimitada do homem. Compreendeis, portanto, que todo e qualquer pensamento, ato, ou atividade sensorial produz uma criação etérica.

Geralmente, estas criações, que provêm de pensamentos, dissipam-se e dissolvem-se em átomos dentro de um certo tempo, depois de terem exercido suas funções. Se não fosse assim, os homens desapareceriam no oceano de suas próprias criações.

Mas ainda resta um resultado: o núcleo destas formas etéricas. Os princípios destas criações permanecem, reúnem-se e formam uma espécie de elemental. Desta forma, o ser humano mantém em seu panteão uma corrente perpétua de formas etéricas temporárias.

#### **DOIS ELEMENTAIS DIRIGEM A VIDA COTIDIANA**

Esta corrente alimenta dois elementais. São os elementais que manifestam os dois aspectos da vida dialética em nossa esfera aural: o resultado dos bons e dos maus pensamentos. Um é conhecido como “O Guardião do Umbral”; o outro, o elemental que protege a esfera aural, leva o nome de “Anjo-da-Guarda”. Quantos contos não falam a respeito de um “Anj-da-Guarda” que nos acompanha? Na verdade, isto é um grande exa-

gero: o que existe é uma proteção parcial.

Somente pelo simples fato de serem alimentados e mantidos vivos pela corrente de formas etéricas temporais, deveis perceber claramente que estes dois elementais vivem em pé de guerra entre si, e que se encontram em estado de fome ou de saciedade, de acordo com o comportamento de cada um.

O estado de fome do elemental do mal é constante no protótipo do homem da natureza. Logo que este elemental adquire uma certa força, ele vai lançando cada vez mais apelos a seu criador, provocando a produção de formas etéricas correspondentes, de tal forma que seu poder de assimilação insaciável recebe continuamente o alimento da parte de seu criador, o homem dialético.

Ao contrário, o elemental do bem consegue saciar-se muito mais depressa. Sua força aspirante está longe de ser tão forte; e ele vive em perfeita concordância com seu criador, que rapidamente fica deslumbrado com sua bondade ilusória com relação a seus semelhantes e segue seu caminho sentindo-se satisfeito e presunçoso.

Geralmente, o elemental inferior, o elemental do mal, alimenta-se das duas forças etéricas inferiores; e o elemental superior, o elemental do bem, das duas forças etéricas superiores. Entretanto, tanto em um caso como no outro, quem cumpre a tarefa básica é a substância etérica quádrupla.

Já dissemos que a proteção que podemos receber eventualmente de nosso elemental natural do bem é apenas parcial. Compreendemos isto a partir do momento em que tomamos consciência de que o homem dialético somente tem a possibilidade de receber e absorver as quatro forças etéricas desta natureza.

A terra faz parte de um encadeamento de sete planetas. Em cada um destes planetas existem quatro éteres que produzem formas que correspondem ao referido planeta.

Ora, como o homem dialético somente pode assimilar as forças etéricas da natureza da morte, o elemental do bem, o anjo-da-guarda, nunca terá nenhuma utilidade no processo do renascimento. Este processo — que também é o processo de transfiguração — trata de uma atividade etérica totalmente diferente, que não é desta natureza.

Ora, os pensamentos humanos não estão preparados para atrair e assimilar as correntes etéricas provenientes de uma outra esfera do sistema planetário sétuplo. Portanto, devemos admitir que, como o elemental natural não pode viver de outras forças etéricas, não poderá ser transformado. Ele pertence a esta natureza e continua sendo desta natureza, assim como o homem dialético.

Podemos também concluir que o elemental natural do mal tem sua sede na esfera aural de todos os seres dialéticos, pois ele é a seqüência lógica de todos os seus pensamentos e atos imperfeitos. Da mesma forma, cada pessoa possui também um elemental natural do bem, como consequência de tudo o que ela já fez de bem no sentido dialético. O estado dos pensamentos determina grande parte do comportamento na vida cotidiana; pelo menos é um fator que não deve ser desprezado.

Agora, é possível representar claramente aqueles em quem uma destas forças vai desempenhar um papel predominante: de um lado, vemos um tipo de homem essencialmente mau, criminoso; de outro, um tipo essencialmente bom e humanitário. Entretanto, este homem bom segundo a natureza jamais poderá ser o novo homem. Ao contrário: um tipo como este vive em uma terrível imitação e em completa ilusão, pelo fato de seu elemental de bondade não sentir nenhuma necessidade e nenhuma aspiração a nada que não seja prove-

#### **A TERRA FAZ PARTE DE UM ENCADEAMENTO DE SETE PLANETAS**



niente das forças etéricas da natureza da morte.

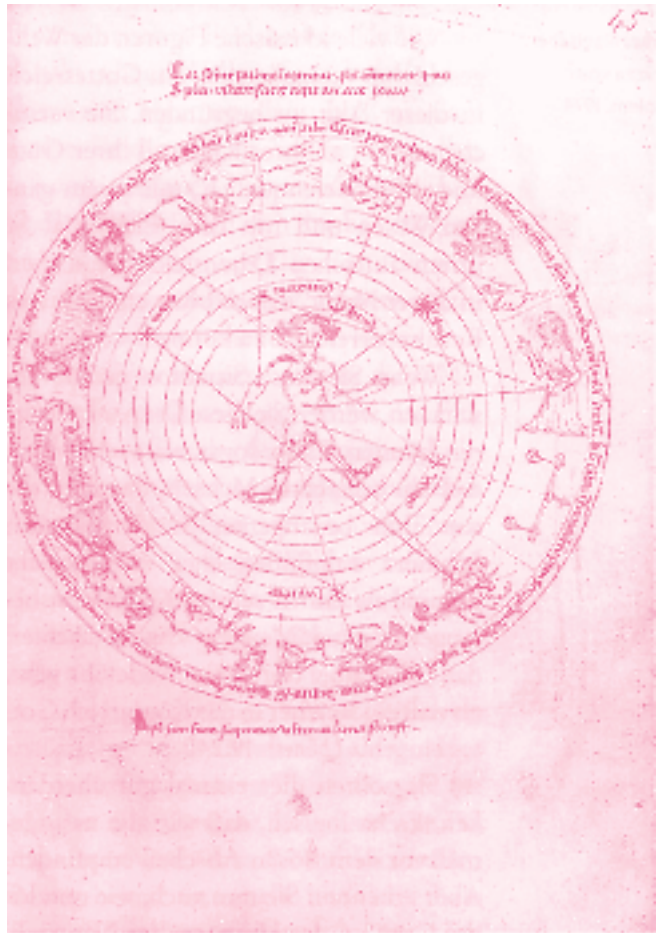
É por isso que, se observardes mais de perto a ação destes homens — que têm toda a sua vida voltada para uma só tendência — então vereis que esta vida está completamente dirigida para a terra e é absolutamente orientada pela cultura da bondade do mundo mortal, com tudo o que isto comporta.

Assim como tantos personagens clássicos da história mundial, eles vêm neste mundo um reino divino que eles tentam estabelecer nesta natureza, com todas as suas forças, com toda a sua bondade e todas as suas qualidades de alma, com todo o seu ser e com o elemental de sua própria esfera aural: conseqüentemente, o resultado não pode ser positivo.

#### A INUTILIDADE DO BEM

Se observardes esta situação, admitireis tudo o que foi falado antes. Poderíamos até admitir mais facilmente que um homem mau — em razão do profundo sofrimento que sente depois de ter cometido uma falta — compreenderá mais rapidamente do que um homem bom, por causa de sua ilusão da bondade. “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mateus: 19: 24).

É preciso pesar muito bem. É completamente lógico que todos nós sintamos repugnância pelo mal, cada um segundo sua natureza. Mas vede com bastante clareza quanta inutilidade há no bem, no humanitarismo, na religião natural, com suas eternas experiências, suas incessantes subidas e descidas. É por esta razão que agora temos de achar uma saída para este círculo vicioso. Podemos afirmar que todos nós sentimos repugnância pela maldade, mas que também vemos distintamente a inutilidade da bondade habitual. Reflitamos agora para saber se existe um outro tipo



de processo de desenvolvimento. Para fazer isto, é indispensável compreender bem o que Paulo tem em mente quando diz: “O que é desta natureza não pode afetar o que é de uma outra natureza”.

Ele também nos ensina muito claramente que uma outra realidade de ser não pode surgir desta natureza, que é a natureza da morte.

Este mesmo assunto surge na Epístola aos Coríntios, onde ele afirma claramente que, assim como o corpo terrestre pertence a uma certa natureza, o corpo celeste, ou o novo corpo, também.

Em outras palavras, o corpo terrestre não é capaz de tornar-se um corpo celeste porque é construído pelos quatro éteres desta natureza, e com eles desaparece.

Por isso devemos compreender que somente os quatro éteres de uma nova realidade podem trazer à vida uma terra que oferece a libertação, uma humani-

Cada ser é prisioneiro da teia de aranha de suas próprias ações e das linhas de força cósmicas (1400, Biblioteca Nacional, Paris).

dade que tenha encontrado esta libertação, uma bondade e uma beleza impecáveis. É absolutamente impossível que nosso estado de ser e nosso elemental do bem, com toda a sua cultura, nos levem a um resultado como este.

A sagrada ciência da transfiguração nos ensina que a terra dos libertos, a humanidade liberta, a bondade e a beleza eternas não têm necessidade de serem trazidas à vida, pois elas já estão aí. Nós não tomamos parte dela por causa de nossa natureza.

É por isso que devemos abandonar nossa natureza e todas as suas obras e nos revestirmos de uma natureza completamente diferente.

Para terminar, sem dúvida seria muito interessante indicar-vos um método que permitisse uma conscientização totalmente autônoma e independente de toda e qualquer influência, que mostrasse como é possível à humanidade chegar à libertação por um meio completamente diferente de todos os meios consagrados e habituais, tão frustrantes.

Gostaríamos de aconselhar-vos, com a condição de que soubésseis que sois prisioneiros do labirinto da ilusão, que

deixásseis, por algum tempo, de vos interessar pelo jogo das forças contrárias que dominam este mundo. Sabemos que a maldade vos causa repugnância. Subtraí igualmente vosso interesse de todos estes meios de fazer o bem que muita gente vos indica em muitos setores. Muitos vos apresentam inúmeras linhas de conduta religiosa, mas, no final das contas, é o vosso próprio elemental do bem que, em vosso sangue e por vosso sangue, vos arrasta nesta direção. Portanto, rompei com estes valores e com estas forças, durante um tempo indeterminado: eles não vos trarão nenhuma libertação. Não escuteis mais estas vozes, que falam dentro de vós e a vosso redor. E, finalmente, não aceiteis como bom tudo aquilo que até agora julgastes como bom.

#### COMO ENCONTRAR A CALMA INTERIOR

É isto que queremos dizer: tentai desligar-vos de todos os vossos problemas e procurai alcançar a calma interior. Se realmente o desejardes, então temos a absoluta certeza de que ocorrerá uma grande transformação.

O que acontece, na verdade? No momento em que deixais de vos interessar por tudo o que agita o mundo, quando já não vos interessais de modo algum por tudo o que vos impulsiona para uma direção qualquer, e quando renunciais às atividades que geralmente provêm deste impulso, então todos os elementais naturais — tanto os do bem quanto os do mal — morrem de fome em vosso campo aural. E é justamente isto que é preciso acontecer! Se quereis obter um resultado libertador, é preciso começar por purificar vossa esfera aural de todos os elementais que vós mesmos criastes. Então, o espelho embaçado de vossa razão haverá de tornar-se límpido, e podereis, neste instante, observar o mundo e sua agitação de forma muito mais objetiva e clara.

Este método de abandono, de tran-



qüilidade, foi chamado pelos antigos mestres de “estado de eremita”. Alguns acharam que compreenderam e pensaram que era preciso levar uma existência isolada em uma cabana ou em uma gruta nos confins de uma floresta ou no alto das montanhas, buscando uma vida superior no meio da sujeira, da fome e da pobreza.

O estado de eremita, que é o objetivo da Gnosis, somente pode ser obtido pelo método que acabamos de descrever rapidamente: é preciso, em um tempo mais ou menos longo, abrir uma distância entre seu próprio ser e as agitações e tormentos, tanto interiores como exteriores, do ser dialético.

Todos somos capazes disto, desde que estejamos conscientes da existência da perspectiva de uma vida libertadora. Todos podemos tornar-nos este eremita, indo e vindo, em nossa vida comum do dia-a-dia. Para viver deste modo, ninguém precisa viver em retiro, nem tornar-se uma pessoa pouco sociável. Se fordes capazes de viver como eremita, neste sentido, durante algum tempo, plenos de uma santa aspiração pela vida superior, então perceberéis todos os valores e limitações da vida dialética, e, depois deste retiro, é certo que sentireis a senda como um pressentimento, inicialmente de forma teórica, e em seguida o caminho vos será confirmado por meio de vossa reminiscência da pátria perdida. E assim podereis cumprir vosso Caminho, com a ajuda da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

Catharose de Petri  
Jan van Rijckenborgh



# FIM DAS ILUSÕES: COMEÇO DA NOVA VIDA

*O homem moderno segue sua alma mortal; ele vive na ilusão. A palavra ilusão envolve alucinação, sonho, imagem mental que alguém gostaria de ver realizada, e também visão ou plano irrealizáveis. Estas três definições convêm perfeitamente à fatigante vida moderna. Os sentidos do ser humano o enganam. Eles fazem surgir, como por magia, um mundo que não existe. Eles o assaltam com impressões irreais. E o ser humano a eles se prende com todas as suas forças, aí reflete e aí sonha. Ora, seus sonhos o enganam. E, no final das contas, parece que suas esperanças se vão como fumaças e que os objetivos visados jamais são atingidos.*

Naturalmente, vários métodos foram desenvolvidos para reforçar e revelar estas impressões, a fim de melhor adaptá-las à vida cotidiana. Variadas formas de ensino, e principalmente a publicidade tecem ao redor do homem um casulo de ilusão. Neste mundo fechado, ele se considera verdadeiro, assim como o mundo que o rodeia.

Assim, não é difícil fazer um esboço de sua própria vida e apimentá-la com um pouco de “molho gnóstico”.

Como as pessoas ignoram o fundamento de uma teoria como esta, são facilmente tocadas de maneira bastante ingênua. A vida e o mundo, em nós e a nossa volta, só podem ser qualificados de ilusórios e quiméricos se formos capazes de fazer claramente a distinção entre ilusão e realidade. A ilusão constitui a dura realidade da vida de todos os dias. O homem es-

tá totalmente mergulhado nesta ilusão, e precisa lutar por sua família, seu emprego, seu ideal. Ele está sempre procurando novos métodos para continuar vivo e conservar sua própria realidade. Mas seu vizinho, para quem esta realidade não é absolutamente a única, diz a sua mulher: “Você precisa ver. Ele morre de batalhar e isto não leva a nada. É pura ilusão!” Enquanto isto, um outro vizinho zomba destas palavras sábias: em seu modo de pensar, este também está errado e vive de ilusão.

## MAS DE ONDE VÊM AS ILUSÕES?

Qual é a causa desta ilusão dos sentidos, que dura tanto e atinge a todos? Milhões, em todo o mundo, vão atrás de objetivos pelos quais sonharam e meditaram. Ora, a matéria da qual o mundo é constituído dá muitas oportunidades para alimentar ilusões como estas. Um fenômeno natural bem conhecido é a miragem: uma visão enganosa no deserto. O viajante cansado e sedento está com tanta fome e com tanta sede que forja para si mesmo uma imagem nítida que se acaba mostrando sob a forma de uma miragem, um reflexo sem realidade, um “castelo na areia”.

Quanta gente não vive a vida em um deserto? Em uma corrida sem rumo, sem resultados, para tentar alcançar uma ilusão atrás da outra? Todas estas imagens, estes pensamentos, estas visões não têm nada de real, não se baseiam em nenhuma realidade, e sempre se desfazem quando se pensa alcançá-las. Não se pode tocá-las nem pegá-las. Elas nos mantêm ocupados com nada, vivem pisando em nós e usando o melhor de nossas forças.

O sol se levanta e nos mostra o mundo tal como é... (Foto Pentagrama).

Assim a vida vai girando, do berço ao túmulo e do túmulo ao berço, e as ilusões nos acompanham desde a infância.

### COMBATER AS ILUSÕES COM ILUSÕES

Lucas 15:16 a 18: "E desejava encher o estômago com as alfarobas que os porcos comiam; e ninguém lhe dava. Caindo, porém em si, disse: 'Quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui, pereço de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti'".

Assim, uns e outros se combatem com ilusões que forjaram para si. Seus sentidos os enganam. Tudo o que eles percebem não passa de um reflexo da realidade. Se cinco pessoas viverem a mesma experiência ou descreverem o mesmo objeto, suas versões serão totalmente diferentes: algumas até mesmo contrárias. No entanto, trata-se da mesma coisa e os sentidos receberam as mesmas impressões. Mas os sentidos, que estão em interação com o eu, apenas comunicam o que o eu quer ver, e deixam de lado o restante da informação.

Em outras palavras: as outras informações são rejeitadas pela personalidade. Daí podemos concluir que depende de cada um construir seu próprio mundo ilusório e mantê-lo por necessidade vital! Entretanto, este mundo o impede também de perceber o que há fora dele! Somente suas próprias percepções — e ainda passadas pelo crivo — contam e importam para ele. É a "sua" realidade, vista pelo "seu" eu, uma realidade mortal

fundamentada na morte.

Entretanto também há uma realidade imortal, sobre a qual a morte não tem nenhum controle: o mundo da alma imortal. É por isso que a Rosacruz Áurea faz a distinção entre o mundo mortal e o mundo imortal; entre a alma mortal e a alma imortal. Esta separação é tão nítida que a vida mortal não pode absolutamente perceber a vida imortal. No máximo podemos desconfiar de sua existência quando nossa própria realidade se despedaça.

Se este mundo ilusório está caindo em ruínas, o que acontece muitas vezes de forma brutal, o sofrimento e a tristeza que vêm com a doença, desemprego, condições sociais desfavoráveis, guerra, mexem com as ilusões, abrem com força a consciência e fazem com que as pessoas vivam novas experiências. O resultado são novas percepções. E, quando a personalidade, "o eu", consegue sarar das velhas ilusões, então ela consegue tornar-se receptiva a novas impressões. Uma nova senda abre-se diante dela.

### JÁ NÃO HÁ LUGAR PARA A ILUSÃO

Quando este novo impulso trabalha verdadeiramente em um sentido regenerador, isto deve aparecer bem concretamente, pois o homem gosta de conservar o que já adquiriu, e sempre está buscando alguma coisa nova, mesmo seguindo seus velhos hábitos. Assim, o homem constrói para si um novo mundo que nada tem de novo e que ainda é uma ilusão.

Não é possível sair do desesperado círculo vicioso das ilusões, a não ser reconhecendo interiormente como verdade a nova compreensão adquirida, transformando-a em uma nova atitude, radical, que rompe com toda e qualquer ilusão.

Então, um novo mundo vai sendo construído: um mundo onde já não há lugar para a ilusão.



# PARSIFAL, A SENDA INICIÁTICA CRISTÃ NA OBRA DE WAGNER

*A força chamadora, purificadora e libertadora do Graal exerce sempre uma atração irresistível sobre os que buscam a verdade divina: o mito do Graal toca no ímo da consciência humana e aí age de forma marcante. Ao tomar conhecimento desta narrativa de tantos séculos, a alma perdida sente a lembrança de uma vida maravilhosa, assim como um profundo anseio de libertação.*

**E** que grandiosa dádiva, quando este desejo atinge os muros aprisionadores da vida material e o coração é trespassado por um ferimento profundo! Este é o ferimento de Amfortas! Richard Wagner ilustrou este desejo e tudo o que vem com ele, em “Parsifal”. A escolha deste tema testemunha a revivificação de uma mística pagã a partir da doutrina cristã de libertação. Parsifal é o coramento da obra de Wagner, que declarou que, com esta ópera, retirava-se do mundo.

Em Parsifal, o tema, os personagens e os episódios também representam as fases do caminho de iniciação crística. O cálice do Graal e o sangue, Amfortas e o ferimento, Klingsor e a lança, o próprio Parsifal, Kundry e o beijo, todos estes dados são, para quem busca, os elementos de seu mais profundo ser que tomaram som e forma. São símbolos da esperança e do desejo interior de ser liberado pela luz de toda a baixeza, do nadir em que se encontra sua vida decaída.

Neste artigo, esforçamo-nos para colocar sob a luz da Rosacruz Áurea tudo o que está subentendido pelos personagens e acontecimentos simbólicos de “Parsifal”.

Logo na entrada, Wagner manda dizer a Gurnemanz:

*“Escutais o chamado?  
Bendizei agora vosso Deus,  
que vos elegeu para ouvi-lo!”<sup>1</sup>*

O chamado do Criador ressoa vago e longínquo, buscando as almas que correm o risco de se perder na matéria: é uma bênção poder perceber este chamado. O verdadeiro buscador escuta silenciosamente, cheio de gratidão por ser assim encorajado na conquista do Graal.

## O GRAAL E O FERIMENTO DE AMFORTAS

*“O que é o Graal?  
Ninguém pode dizê-lo.  
Mas, se ele te elegeu,  
este saber, tu jamais perderás.”*

No sétimo Livro do *Corpus Hermeticum*<sup>2</sup>, Hermes diz a Tat: “Ele enviou para baixo uma grande cratera cheia de forças do espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: ‘Mergulhai nesta cratera, vós almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e confiastes em que ascendereis até ele que enviou para baixo este vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criados’”.

Estas palavras revelam o segredo salvador do Graal, que pertence aos maiores Mistérios libertadores já oferecidos à humanidade. O Graal possui um aspecto cósmico e microcósmico. No plano cósmico, ele age como um campo que tudo engloba. É por meio dele que a humanidade recebe a força do Espírito Santo. No plano microcósmico, é o cálice que pode ser moldado em cada

pessoa a fim de recolher os alimentos santos, com a condição de que esta taça esteja vazia, que ela não contenha nenhuma força impura, ou seja, nenhuma força da natureza mortal.

A antiga narrativa da qual Wagner emprestou seu tema é datada da Idade Média. Em sua origem, o Graal evocava o cálice da Santa Ceia, ou o cálice no qual José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo e o levou para o Ocidente.

No “Perceval” de Chrétien de Troyes (cerca de 1135-1183), este conta que José de Arimatéia recolheu a lança com a qual Jesus foi trespassado na cruz, assim como o cálice cheio do sangue que escorreu de seu ferimento, tendo levado este cálice e esta lança até os Pirineus, onde deveriam ser guardados pelo rei Titurel. Para isto, o rei construiu o Castelo do Graal, onde reunia os cavaleiros que deveriam proteger o Graal. Ele exercia sua realeza em total conformidade com o plano de desenvolvimento divino. Aqui começa a peça de Wagner. O filho de Titurel, Amfortas, tomou o Graal sob sua guarda depois de seu pai, mas, como havia entrado em luta por temeridade contra Klingsor, o rei das trevas, este lhe roubou a santa lança.

De tempos em tempos, Amfortas deve mostrar o Graal a seus cavaleiros que, durante uma ceia ritualística, recebem os alimentos santos que o Graal contém.

Parsifal, “o Puro”, “o Tolo que nada sabe”, depois de inúmeras provas, consegue retomar a lança, cura o ferimento de Amfortas e toma seu lugar como rei do Castelo do Graal. É assim que termina a peça.

O que restou do Graal? Esta taça lendária ainda existe? Nos séculos passados, as regiões sutis e materiais se interpenetravam mais facilmente do que

no século XX, quando o ser humano chegou a um ponto de extrema cristalização. Antigamente era normal, na Europa, que muitos processos vitais invisíveis fizessem parte concreta da vida cotidiana. Este fenômeno, aliás, está voltando com grande força nos últimos anos.

Os cátaros e os templários viviam e trabalhavam na tradição do Graal: seus nomes estão definitivamente ligados ao Graal. Na parede de uma pequena gruta sob o Castelo do Graal, em Montréal de Sos, no Sul da França, estão representados: uma taça, uma lança, algumas gotas de sangue e o sol. Para o homem atual, esta evocação simbólica na matéria às vezes é bem difícil de ser compreendida. O perigo de uma mistificação ou de uma ilusão é, portanto, bem real. Por isso é importante que o candidato atual, que segue o caminho de libertação, esteja profundamente compenetrado da idéia de que o mundo material nada mais é do que uma impostura, uma ilusão. O caminho do Santo Graal, assim como é indicado pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, visa a conquista da alma-espírito, e não de um objeto! O Graal, o cálice em que foi recolhido o sangue de Cristo, é um símbolo da alma original, que, como uma taça, deve servir ao Espírito Santo, e portanto deve ser encontrada e libertada no coração de cada um.

O candidato aos Mistérios deve, assim como Parsifal, partir em busca do Graal, pois, quando um dia ele estiver de posse desta maravilhosa taça, terá a capacidade de unir-se ao Espírito Santo, graças a ela. Então, ele fará parte da Fraternidade do Graal e, como tal, empreenderá sua tarefa: por onde for, para grande bênção de seus semelhantes, ele carregará o Graal no mais profundo



de seu ser. Então, os alimentos santos que sua nova alma será capaz de receber, ele distribuirá à humanidade faminta, que busca a libertação.

Assim, o “Parsifal”, de Wagner, apresenta um longo caminho. O candidato deve ver claramente a decadência de seu estado: ele está como Amfortas, cujo ferimento o tortura sem descanso. Finalmente, ele torna-se capaz de seguir a senda de Parsifal, “o Tolo”, “o Puro”. Graças a seu encontro com Kundry, seu ser aural, o Guardião do Umbral, ele começa a compreender a causa dos sofrimentos do mundo; e é preciso que ele resista a Kundry para, depois de sentir o despertar de sua compaixão e de sua compreensão, poder viver o mistério da Sexta-feira Santa.

### O FERIMENTO DE AMFORTAS

Uma sombra de melancolia e de dor paira sobre o Castelo do Graal. Amfortas, o rei, está ferido. Nenhum remédio do mundo pode curar este ferimento, a não ser a santa lança que está em poder de Klingsor: logo que este ferimento seja curado, esta sombra haverá de dissipar-se.

No primeiro ato de “Parsifal”, Gurnemanz conta que Amfortas, armado com a santa lança, parte para combater Klingsor, o senhor do mundo dos sentidos e adversário do Graal; conta também que ele encontrou-se com a sedutora Kundry, a quem não soube resistir; que, logo que caiu em seus braços, deixou a lança e que Klingsor apoderou-se dela e lhe fez um ferimento muito grave.

Amfortas volta para o castelo sem a lança e, por ter negligenciado sua santa missão, sua vida torna-se uma tortura

sem fim. Ele espera que a morte o liberte, mas a morte nunca chega. A previsão de que um tolo, um puro, retomará a lança do jardim encantado de Klingsor, dá-lhe (e a seus cavaleiros) alguma esperança de sair desta situação.

### O GRAAL E O JARDIM ENCANTADO DE KLINGSOR

O Graal e o jardim encantado de Klingsor simbolizam dois reinos de vida: o campo de vida pura e paradisíaca, de um lado, e o reino da impostura, dos desejos dialéticos, de outro. No reino do Graal, o estado de alma dos cavaleiros é puro, mas eles não têm consciência disto; eles representam o primeiro estágio do homem terrestre que vai vivenciar um pouco desta imensa e santa maravilha. Nesta fase, a vida dialética desempenha um papel secundário. O Cavaleiro do Graal não pode exercer nenhum poder enquanto não se ligar ao mundo mortal.

Este estado paradisíaco, entretanto, não é duradouro, pois Klingsor tem o poder nas mãos, no mundo da impostura. Ele, que antigamente havia sido um cavaleiro do Graal, abandonou o caminho indicado por Deus. Na senda do crescimento da alma, ele caiu vítima dos fascínios enfeitiçadores da matéria. Como filho do fogo, ele compreende sua falta, é verdade, mas não volta atrás e escolhe o caminho da esquerda, o da magia negra. Para não mais sucumbir a seus próprios desejos, ele se castra. Assim, ele se torna a personificação do mal, e é assim que ele se esforça para atrair os cavaleiros do Graal para aposar-se totalmente deles. Em seu jardim encantado, jovens-flores tentam prender

Segundo a tradição, esta é a lança que trespassou o flanco do Salvador crucificado (Hamburgo, Viena).

P.18-19: Duas páginas de um manuscrito do século XIII que relata a história de Parsifal.

1. In the first part of the...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...

1. In the first part...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...

1. In the first part...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...

**G**...  
 1. In the first part...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...

**G**...  
 1. In the first part...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...

**G**...  
 1. In the first part...  
 2. In the second part...  
 3. In the third part...  
 4. In the fourth part...  
 5. In the fifth part...  
 6. In the sixth part...  
 7. In the seventh part...  
 8. In the eighth part...  
 9. In the ninth part...  
 10. In the tenth part...



em suas redes os cavaleiros errantes, para tirar deles sua força divina.

### **A LUTA CONTRA O MAL**

Amfortas decide acabar com esta situação. Ele deixa o Castelo do Graal, mas o faz por sua própria iniciativa, sem ter recebido nenhuma missão de Deus para combater contra Klingsor. Ele acha que é forte o bastante para vencer o mal por seus próprios meios, e não vê que assim vai ter de se haver com as forças opostas, e que vai apenas se ligar ao mal sem poder acabar com ele. Deste modo, ele entra no caminho do bem e do mal, exatamente como o próprio Klingsor já havia feito. Simbolicamente falando, ele está pronto para colher a maçã da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal no jardim encantado de Klingsor! Ligando-se a Kundry, seu ser aural, ele liga-se ao mundo do desejo, exatamente o mundo que deve continuar inferior a ele, que é o rei do Graal. Ele se torna o rei-pecador, ou seja, o homem que se afastou do reino de Deus. Aqui há um paralelo que deve ser feito com o homem expulso do Paraíso: por sua falta de compreensão e por abusar de seu livre-arbítrio, cheio de boas intenções, ele conta apenas com suas próprias capacidades de homem mortal. Esta “queda” mostra-lhe, entretanto, o que ele abandonou. Ele sabe que o Reino de Deus tornou-se inacessível para ele. Apesar disso, ele não escolhe o mal, como Klingsor, mas volta para o Castelo do Graal, com a alma profundamente ferida pelo mundo do desejo, e incapaz de acabar com este estado desesperante por meio de suas próprias forças.

Nada mais lhe resta senão a esperança de libertação.

Estes fatos são inteiramente reais para todos os candidatos que se encontram na senda da libertação interior. A semente divina, dentro dele, sofre com o ferimento infligido ao microcosmo por

ocasião da queda. A personalidade dialética dilacera e mantém continuamente aberta esta chaga, pois ela vive totalmente baseada no eu, enquanto o microcosmo dá incessante testemunho de seu estado divino original, aspirando à cura: e esta cura é impossível, pelo menos enquanto o eu pertencer inteiramente à natureza mortal!

Todos aqueles que se encontram nesta fase — consciente ou inconscientemente — bebem dos dois campos de vida e sofrem com esta dupla natureza. Amfortas diz que ele é rei contra sua vontade e que ele deve apresentar o Graal durante a ceia, obedecendo as ordens de seu pai que lhe fala ao mais profundo de sua alma.

Neste momento, ele vê a fonte do sangue sagrado, a força do Graal; e também a efervescência do sangue ímpio. Suas dolorosas palavras revelam claramente em que estado de dilaceração ele se encontra. Na qualidade de servidor do Graal, ele está estreitamente ligado ao Reino de Deus, tomando parte da fonte do sangue sagrado; mas, ao mesmo tempo, ele é torturado pela efervescência do sangue ímpio que corre em suas veias.

Como acabar com esta dolorosa situação? Somente a lança, a causa de seu ferimento, poderá fechar esta chaga, e somente Parsifal está preparado para encontrar a lança e trazê-la até ele.

### **A LANÇA SAGRADA**

Nas velhas narrativas que falam de Parsifal, a santa lança desempenha um papel-chave. Comparando as versões medievais com o Parsifal, de Wagner, fica claro que esta lança não desempenha o mesmo papel. Wagner utilizou este símbolo para colocar em evidência os processos da consciência que aparecem menos claramente nas antigas narrativas. É por isso que ele coloca o episódio da lança sagrada no centro de sua ópera com o símbolo do Espírito. De

fato, quando aconteceu a descida na matéria, o homem perdeu seus poderes divinos: perdeu-se o Espírito que havia dentro dele. Então, ele o roubou e dele fez um uso incorreto; ele o manchou de tal modo que, no final, somente um “tolo”, ou seja, um inocente, um “puro” poderia reavê-lo. E, quando o Espírito voltasse, então a humanidade também poderia retornar a seu campo de vida original.

### **A LANÇA SAGRADA SANGRA**

Na narrativa de Chrétien de Troyes e Wolfram von Eschenbach (cerca de 1179-1220), são duas lanças que desempenham um papel importante, em momentos diferentes. Uma é uma arma comum, com a qual Amfortas é ferido. A outra é chamada de “a lança sagrada”. Wolfram von Eschenbach fala desta lança na hora em que Parsifal, sempre sem compreender nada, entra pela primeira vez no Castelo do Graal. É preciso que ele se sente para cear em companhia do rei doente e de seus cavaleiros. É então que acontece uma cerimônia maravilhosa: a santa lança é trazida para a sala e os cavaleiros caem em prantos e começam a gritar, vendo gotas de sangue que dela escorrem. Wolfram diz que esta procissão com a lança tornou-se uma tradição desde que Amfortas foi ferido. Em sua interpretação, a santa lança não está diretamente ligada com o ferimento e a cura do rei. A lança continua no Castelo do Graal e de tempos em tempos é apresentada aos cavaleiros como símbolo do sofrimento que o ferimento de Amfortas faz reinar sobre o castelo.

### **A LANÇA E O GRAAL**

Entretanto, a lança que sangra também está associada ao aspecto libertador da força crística. É certo que Wol-



fram von Eschenbach e seus leitores conhecem este simbolismo profundo, pois nesta época muitos cristãos no Ocidente já associavam o Graal e a lança ao caminho da cruz de Cristo. Wolfram von Eschenbach refere-se a este pano de fundo mas não dá nenhuma imagem do caminho de libertação que este símbolo oculta. Já Wagner faz do ferimento pela lança e da cura pelo Graal uma só peça, que se passa ao re-

O Graal é a fonte de toda a vida (baixo-relevo italiano do século IX, Staatliche Museum de Berlim).

(Galaad traz o Graal até Amfortas para curá-lo (manuscrito do século XVI, Alemanha).

dor da lança sagrada. Trata-se de uma só lança e dá-se uma grande importância àquele que a empunhar. Na mão de Klingsor, ela é causa de morte e perdição, mas na de Parsifal, ela opera a cura fundamental. Graças a esta imagem, ele desvela completamente o mistério do Graal e abre caminho para a compreensão que este mistério oculta.

Segundo Wagner, Amfortas empunhava a lança quando partiu para combater Klingsor, mas ele não teve força o bastante para resistir à atração fatal do jardim encantado. Em consequência disto, a lança foi parar nas mãos de Klingsor que “pode ferir até mesmo os santos”, declara Gurnemanz. E foi isto o que aconteceu. Das mãos de Klingsor, Amfortas recebeu um ferimento que somente poderia ser curado “pelo golpe da própria lança que feriu o Salvador”. Com estas palavras, Wagner dá seu

testemunho de que segue diretamente o simbolismo cristão da lança sagrada.

### O GOLPE DADO PELO SOLDADO LONGINUS

No Evangelho de João, está escrito que, depois da crucificação, Jesus foi golpeado no flanco pela lança de um soldado. O sangue e a água que escorreram deste ferimento foram recolhidos em um cálice. Nos textos medievais, este soldado geralmente é representado como um cego que, pelo sangue da lança, recobra a visão. Assim, o soldado pagão converte-se e torna-se um fiel da nova lei. Sua cegueira é o símbolo que indica que ele se afastou de Deus e já não pode vê-lo. Então, o sangue de Cristo estimula sua reminiscência, cura-o de sua ignorância e faz com que seja



capaz de seguir o caminho de volta ao Reino de Deus.

O sangue e a água recolhidos por José de Arimatéia no cálice do Graal simbolizam as forças astrais e etéricas do reino divino. Aquele que está pronto para receber e assimilar os alimentos santos pode ser curado de sua cegueira; mas esta absorção e esta assimilação exigem uma atitude de vida absolutamente nova.

É por isso que a conversão de Longinus não consiste em uma renovação de sua compreensão intelectual ou de seus princípios místicos, mas sim em uma transformação fundamental, baseada em um novo entendimento, assim como no desejo de santificação, abandonando o antigo eu ao “Outro” dentro dele. O sangue do candidato que toma este rumo é purificado e alimentado pela força renovadora: o sangue e a água de Cristo. Aqui, o significado do caminho da cruz é colocado em evidência: quando o terrestre é novamente ligado a Deus pela força crística, o homem decaído recebe uma nova possibilidade de ser salvo.

Os evangelhos que falam do caminho da cruz de Jesus dão uma imagem clara das diversas etapas do caminho de libertação e a lenda de Longinus mostra como a oferenda de Cristo em um ser humano pode trazer um resultado positivo.

Qual é o simbolismo dos acontecimentos do Gólgota? Longinus, o cego, continua sendo um filho do fogo, apesar de sua vida decaída. Ele é um ser espiritual em potencial, razão pela qual ele está armado com uma lança que lhe dá a capacidade de evocar a força crística libertadora. Um golpe desta lança deve fazer correr o sangue: liberar a força crística, que assim estabelece uma ligação definitiva com a terra e a humanidade. O sangue sagrado que este golpe de lança faz correr permite que Longinus recobre a visão, e a lança que entrou em contato com o sangue de Cristo torna-se um instrumento sagrado. A santa lança ficou associada para sempre ao Graal, à alma humana verdadeira.

## A LANÇA BRANDIDA

Na ópera de Wagner, a lança surge em cena antes do Graal. Mas, no final da peça, ela já não é acompanhada de lamentações dos cavaleiros. Então é dito:

*“Todos erguem os olhos,  
encantados de êxtase,  
em direção à lança brandida”.*

A lança sagrada saiu do jardim encantado da sedução e do desejo para retornar a sua pátria original. No final da ópera de Wagner, Parsifal surge como o rei-sacerdote do Graal, o novo homem alma-espírito.

### (Notas)

1. Conforme a tradução de Marcel Beaufils, *Parsifal*, Aubier Montaigne, Paris, 1964.
2. Citação de *A Arquinosia Egípcia*, Jan van Rijkenborgh, Tomo II, Capítulo XIX. vers. 8, página 158, 1ª edição, 1986, Lectorium Roscrucianum, São Paulo, Brasil.

## OS VALORES OPOSTOS DA VIDA

*É sempre o mesmo tema: a divisão fundamental do mundo e dos dois extremos que daí resultam. Tudo tem seu oposto: o amor tem como seu contrário o ódio; a paz, a guerra; a luz, as trevas; a beleza, a feiúra; e a harmonia, o caos.*

**T**oda a ação provoca uma reação. Pouco importa se a ação é qualificada de boa ou de má: a reação é, em princípio, contrária à ação. Assim, podemos dizer que existe uma força que transforma todas as coisas em seu oposto. Tudo o que sobe, um dia desce. Graças a este fenômeno natural, surgem sempre novos rumos para onde ir. A roda gira e a vida está sempre oferecendo novos aspectos que provocam a atividade dos seres humanos.

A história se repete: os objetivos nunca são atingidos e, se eles se apresentam, percebemos que não passavam de ilusões que se dissipam diante de nossos olhos de idealistas frustrados.

Claro, é bom estudar de perto estas leis e processos para finalmente conhecer sua natureza, seu profundo significado e sua finalidade; mas também — e principalmente — para descobrir as limitações terrestres.

Geralmente os homens estão completamente conscientes de que tudo tem seu contrário, e que cada ação provoca uma reação. Mas sem dúvida eles não chegam a pensar que esta reação representa quase sempre uma oposição, um obstáculo. Para não minimizar o conjunto das leis sobre as quais fala a Doutrina Universal, aceitando-as ou refutando-as superficialmente, seria bom precisá-las também o mais claramente possível diante de nossa cons-

ciência, a fim de penetrar em seu princípio essencial. Neste sentido, são necessários: paz e silêncio interior.

### **A CONSCIÊNCIA ORIGINAL QUE CONHECE A UNIDADE**

A consciência humana mortal foi-se formando no decorrer de uma longa seqüência de experiências, oscilando entre os dois extremos do bem e do mal. Ela desenvolveu-se graças às experiências que foi vivenciando entre luz e trevas, bem e mal, quente e frio, medo e tranqüilidade, melancolia e felicidade. Como o homem experimentou todos estes fenômenos, ele pensa em termos de oposições. Em seu pensamento, a luz é oposta às trevas, o calor é o oposto ao frio, o bem é oposto ao mal.

Antes de sua queda do campo de vida original, ele possuía uma consciência que estava preparada para considerar os fenômenos e os processos em termos de unidade. Ele percebia a coesão que estava subjacente, pois no mundo original não há nenhuma oposição e nem sequer nenhuma combinação de forças contrárias. No campo de vida divino, o amor não conhece nem simpatia nem antipatia, como acontece no mundo humano.

Não havia lugar para o interesse pessoal nem para o desejo impuro no campo de vida original que Deus havia dado aos homens. Mas a consciência humana é limitada; e o homem julga de acordo com fenômenos dos quais ele nem sequer conhece a verdadeira natureza, nem o fundamento. Ora, ele bem que é obrigado a pensar desta forma, pois ele dispõe de outra consciência.

Ele fala de “bem” sem conhecer o “mal” que está por detrás. E fala a res-



peito do mal enquanto não compreende as verdadeiras circunstâncias. Hermes Trismegisto afirma que o bem “é um mal menor”. A consciência mortal é muito limitada para conceber a unidade e a coesão de todos os fenômenos, dentro do homem e ao redor dele. Em outras palavras: o homem vê apenas os pólos opostos; ele sente e pensa de acordo com valores contrários.

### **SERÁ QUE SOMOS LIVRES PARA AGIR?**

Cada ação, cada pensamento, cada sentimento provoca uma reação e é, por sua vez, uma reação a uma ação, a um pensamento ou a um sentimento passado. Algumas reações acontecem de repente, e a ação pode ser percebida claramente. Outras reações duram anos, séculos ou até eões, e sua causa muitas vezes é difícil de ser encontrada. Todas estas ações e reações fazem do homem um elo de um longo encadeamento de fatos. Ele é arrastado na tormenta das ações e reações que ele mesmo desencadeou, sobre as quais não exerce nenhum controle e assim estas ações e reações vão carregando-o.

Neste sentido, a limitação da consciência também é uma causa, pois a maioria dos humanos não está consciente dos efeitos de suas ações, das forças que elas desencadeiam! Cada um reage espontaneamente a ações espontâneas; por exemplo, dando sua opinião, quando alguém a pede ou não. Não é verdade que, na maior parte do tempo nosso interlocutor reage respondendo:

“Sim, é verdade, mas...”, ou então “É impossível, pois...”?

Na escola, nos negócios, não é verdade que aprendemos sempre a reagir

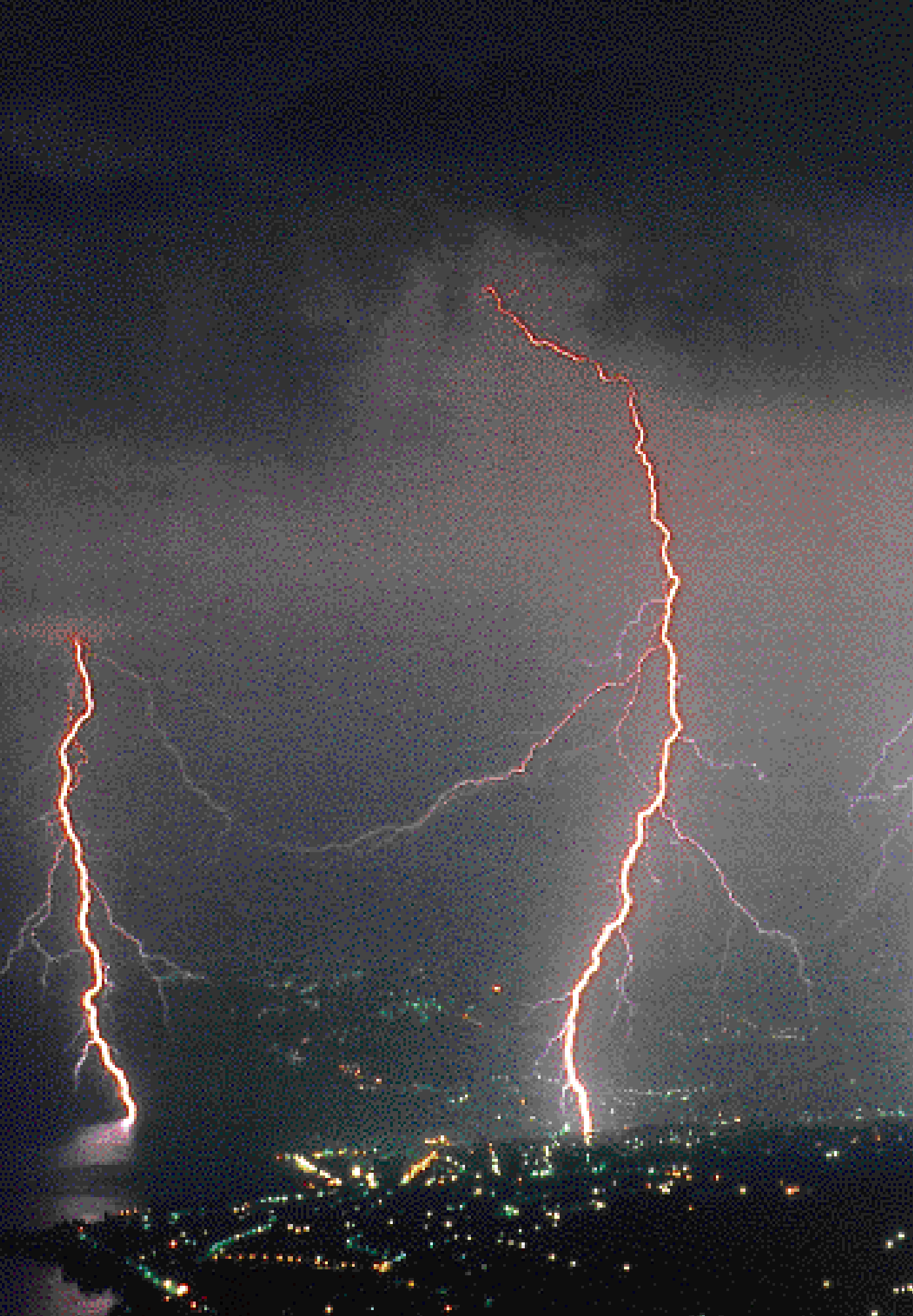
desta forma e a pensar de modo cortante, analítico, criticando abertamente, agressivamente?

É difícil agir de modo a que outro não reaja ou que não se revolte, principalmente se a nossa intenção é reforçar o eu ou agradar ao grupo. Claro, há sempre alguém que barra a passagem e que, por reação, é preciso contrariar. Estas reações acontecem fora do eu? Será que somos livres para agir sem envolver nosso eu? Segundo a lei que diz que tudo se transforma em seu oposto alguém que é movido pelas melhores intenções do mundo, no final das contas, mostra-se negativo. A política e a economia dão provas desta lei em seus mínimos detalhes. Pelo menos agimos para ajudar os outros; mas então, estes se tornam tão dependentes dos que os ajudam que já não podem salvar-se a si mesmos! A colaboração esperada geralmente acontece de um jeito bem diferente daquele que desejávamos.

Aquilo que alguém deseja consegue às custas de outra pessoa. A infelicidade de um faz a felicidade de outros. A vida de um acontece às custas da vida e da felicidade de outro. Uma consciência vive às custas de outra consciência. Quem começa praticando o amor terrestre geralmente acaba com ódio.

### **NÃO SERIA MELHOR DEIXAR DE SABER TUDO?**

Muita gente diz que é melhor não saber tudo, ignorar o que já fizemos e suas conseqüências. Os limites da consciência, neste caso, são considerados como uma proteção. Se tivéssemos consciência daquilo do qual somos a causa — apesar de todas as nossas



boas intenções — não ousaríamos dar nem mais um passo para não fazer mal ao próximo, apesar de nosso desejo de fazer o bem!

Ora, do ponto de vista gnóstico, esta limitação da consciência, longe de ser uma proteção, constitui um obstáculo. De fato, isto nos impede de perceber nossa verdadeira natureza, de ver que nenhum fenômeno no mundo é eterno, e que a perfeição não existe.

Além disso, esta limitação faz com que os homens vejam a vida como se fosse um mar de rosas! Se eles se vissem uns aos outros como instrumentos inconscientes de microcosmos vagando sem rumo, funcionando sem nenhuma compreensão das causas e dos efeitos, eles haveriam de guardar mais para si mesmos seus conselhos e seus julgamentos. A consciência humana aprendeu que a morte é o fim da vida e que depois vem o céu, ou o inferno, para grande vergonha de muitos! Ou então que a consciência humana cria imagens suscitadas por fenômenos paranormais que eliminam a fronteira entre a vida e a morte.

Mas, desde o início dos tempos, uma doutrina apresenta a morte natural como uma nova chance para que o microcosmo possa trocar o velho instrumento, que se tornou inútil, por um instrumento novo. De acordo com esta doutrina, a morte natural oferece uma nova possibilidade de libertação, mas esta visão exige uma consciência transformada. De fato, é a vivência das forças opostas que edifica a consciência comum. A nova consciência, por sua vez, está fundamentada no mundo original, onde não existe nenhum valor contrário.

De uma consciência limitada provém uma compreensão limitada.

Esta limitação surgiu, de um lado, em razão das limitações do mundo onde vive o ser humano, e, de outro, em razão da perda do verdadeiro conhecimento, do conhecimento divino, a Gnosis da Sabedoria divina.

Para a consciência terrestre, os fenô-

menos terrestres constituem a realidade, mas para uma consciência inspirada pelas forças divinas, é a vida terrestre que é irreal: o amor transforma-se em ódio, o ódio em amor, a paz transforma-se em guerra, a guerra em paz, pois a consciência terrestre limitada oscila de um extremo ao outro... em consequência de sua carência fundamental de sabedoria original.

### **CÍRCULO VICIOSO = PRISÃO**

Assim, podemos dar conta de que as leis e as obrigações da natureza terrestre mantêm a humanidade fortemente presa a seu jugo e lhe proibem de sair de um círculo fechado.

Entretanto, elas também têm outra função. Pelos limites que elas impõem, o homem chega a vivenciar seu aprisionamento em um círculo vicioso. Ele acumula tantas experiências e adquire tanta compreensão, que já não aceita esta situação e põe-se a procurar uma porta de saída.

Assim as limitações da vida terrestre também impedem a cristalização, que impede a libertação do microcosmo. Se não houvesse este rompimento, o homem sempre continuaria aprisionado e incapaz de compreender o chamado da Gnosis rumo à libertação e ao retorno a Deus.

Graças às limitações e às leis do mundo mortal, tudo o que é antigo acaba sendo esmagado para servir de caldo de cultura às novas possibilidades que fazem renascer e mantêm a lembrança da ordem original: a ordem divina.

Qual é o limite da consciência? É uma certa inexperiência que impede que o homem veja através dos véus, uma imaturidade que é favorecida pelo fato de que seu eu vai-se afundando cada vez mais profundamente na matéria. Quanto mais o eu vai-se reforçando, mais vai enfraquecendo o chamado da Gnosis!

Tempestade sobre Los Angeles (Foto Pentagrama).

## O EU E A NATUREZA SÃO SOLIDÁRIOS

O eu cresce cedendo ao chamado da natureza. Acontece uma troca: o eu pede e recebe, mas por sua vez ele é solicitado e deve doar-se. É assim que o eu e a natureza mortal vão-se mantendo reciprocamente.

Como escapar aos limites da consciência? Como libertar-se da prisão das leis terrestres? Voltando-se completamente para o "Outro" o portador da vida imortal: a alma imortal. Então o caminho da vida parte rapidamente para o sentido inverso. Já não há necessidade de se debater para conservar um eu que

está sempre lutando. Percebe-se claramente o jogo das ações-reações e seus efeitos podem ser sentidos e logo neutralizados.

Esta neutralização é possível graças ao "não-fazer", isto é: o aluno já não age por meio do eu, mas como um espectador do funcionamento do eu em sua própria vida. Isto torna a deslocar os pontos mais acentuados de sua vida: sua atenção já não é dirigida para o ser mortal, mas para o ser imortal, original, que permanece desde sempre em seu microcosmo.

Os impulsos e obstáculos do eu vão diminuindo, o que faz nascer a possibilidade de restabelecer o microcosmo decaído.



O circuito fechado da vida (Pedra esculpida, Praga).

Portanto, é na consciência que se encontra a chave da transformação. Todas estas experiências acumuladas no decorrer de inúmeras vidas fazem surgir um poder de discernimento que permite fazer uma escolha, pois a finalidade da vida não é seguir um caminho de sofrimento, mas sim adotar um comportamento inteligente na senda da libertação interior: pois a vida na matéria mortal dá meios para que possamos atingir a vida imortal.

### **E SE A PESSOA NÃO SENTIR O IMPULSO GNÓSTICO?**

A consciência humana transforma-se, portanto, graças a inúmeras experiências, até poder captar a mensagem de libertação. A transformação da consciência conduz, no final das contas, a sua regeneração total. Se ela continuar não-receptiva ao impulso gnóstico e não for regenerada, continuará limitada e irá afundando-se cada vez mais na vida mortal, que conduz rapidamente para sua perdição.

A renovação gnóstica é, portanto, a única condição para que alguém possa obter uma nova consciência. O ser humano vive segundo sua consciência. Ora, o estado de consciência determina o estado de vida. A consciência do que é mortal suscita uma vida mortal; a consciência do que é imortal, conduz à vida eterna.

Entretanto, podemos acumular conhecimentos teóricos sobre a vida gnóstica imortal, mas este tipo de conhecimento não assegura a posse de uma nova consciência! É por isso que é preciso ter fé, acreditar na nova vida, a vida gnóstica: isto não é uma invenção, mas é de fato a única realidade. Quem chega a esta fé compreende que o conhecimento não é suficiente: ele deve ser transmutado em atos regeneradores.

Se tudo corre bem, a consciência se transforma e a vida vai mudando ao mesmo tempo, no dia-a-dia. Isto aconte-

ce, por exemplo, quando fatos felizes ou infelizes influenciam o pensamento, os sentimentos e o comportamento. A fé, o saber interior que dá a certeza da existência da nova vida, da vida gnóstica, atrai aquele que busca como um ímã a caminho da pátria original da humanidade. O início deste caminho está no coração. No centro matemático do microcosmo, correspondendo ao ápice do ventrículo direito do coração, onde se encontra o que chamamos de átomo-centelha-do-Espírito, onde se manifesta o universo original em toda a sua extensão.

Quando o homem exterior, o homem-eu, volta-se para o homem interior, a alma imortal, a nova vida começa a manifestar-se a partir desta centelha-do-Espírito, à qual o velho homem deve fazer sua auto-entrega. O velho homem deve abandonar-se ao novo homem dentro dele. A verdadeira fé é direcionada para o restabelecimento do homem original em todo o seu esplendor e sua glória. A consciência pura é seu fruto. Esta consciência permite um comportamento concreto, espontâneo, totalmente novo e libertador, que abre a senda que leva à meta única: o Reino de Deus.

# A FRATERNIDADE DOS ESSÊNIOS

*Os essenianos ou essênios formavam uma comunidade separada da religião oficial da época. O nome deles provém do aramaico e significa “piedosos” ou “puros”. A Bíblia não faz referência a eles.*

Cerca de dois séculos antes de Cristo, até por volta do século I d.C., os essênios espalharam-se por toda a Palestina e pelo Norte do Egito. No começo da era cristã eles eram cerca de quatro mil membros e formavam com os fariseus (que eram aproximadamente seis mil) a maior comunidade religiosa judaica da Palestina. O fundador desta comunidade era chamado de “Mestre da Justiça”. A tradição contava que ele havia sido sacerdote do templo de Jerusalém, onde havia entrado em conflito com seus superiores que pertenciam à seita dos fariseus, e onde, além disso, aconteceram discussões acaloradas a respeito das leis de Moisés. O conflito chegou a seu ponto máximo no século II a.C., quando o rei selêucida Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.) tentou estender seu domínio sobre os judeus da Palestina. Ele dedicou o templo de Jerusalém ao deus grego Zeus e os grandes sacerdotes corrompidos sustentaram sua política. O resultado foi uma revolta: o “Mestre da Justiça” e seus adeptos tiveram de deixar Jerusalém, retiraram-se para o deserto e, fundaram a Aliança dos Essênios, em um local que ainda hoje é desconhecido. Não se pode afirmar se o Mestre acompanhou o grupo de emigrantes ou se ele reuniu-se a eles mais tarde. Somente 50 anos mais tarde foi estabelecido o Qumram.

Os essênios conheciam a tradição bíblica melhor que os judeus comuns da

quela época. Em sua doutrina encontrava-se, em primeiro lugar, elementos arcaicos provenientes da cultura judaica, mas também elementos provenientes dos gregos, dos hindus e dos persas. Estas tradições foram sendo pouco a pouco abolidas mas reapareceram logo em seguida, cristalizadas sob novas formas.

## OS PERGAMINHOS DE QUMRAM

Dois fontes históricas permitem situar os essênios na corrente dos grupos direcionados gnosticamente. Primeiro, existe a descrição do filósofo grego judeu Filon, que viveu no século I d.C.; depois, há dados fornecidos pelos próprios pergaminhos.

Em 1947, um jovem pastor encontrou em uma gruta perto de Qumram, na margem norte do Mar Morto, um conjunto de jarras que continham pergaminhos. Em outras grutas, descobriram mais tarde outras jarras com pergaminhos, mas também pergaminhos isolados. Não foi de repente que as pessoas se deram conta do imenso significado destas descobertas: somente anos mais tarde a pesquisa científica ocupou-se delas. Atualmente, admite-se que, nestes 10 locais originais devem ter sido encontrados cerca de mil documentos escritos, e uma parte deles já havia sido descoberta nos séculos anteriores. Outros pergaminhos desapareceram, ou eram apenas fragmentos e foram jogados fora. Os pesquisadores conseguiram reunir os fragmentos levando em conta a língua na qual foram escritos: hebraico, aramaico e grego. Em seguida, muitas pistas importantes para esta pesquisa foram fornecidas pelo modo de escri-

ta, pela forma da letra e pelo material utilizado (couro ou papiro). Somente nove pergaminhos oferecem textos com uma perfeita coerência. Inúmeros manuscritos dizem respeito ao Antigo Testamento.

No coração da doutrina dos essênios havia a aliança contraída por Deus com o povo de Israel sobre o Monte Sinai. Esta doutrina foi revelada e consignada nos 5 livros de Moisés: o Pentateuco, que faz parte integrante da Torah. Como esta aliança não foi observada no sentido que lhe era dado pelos essênios, estes retiraram-se de Jerusalém e renovaram a Aliança com Jeová. Para eles, a salvação do povo de Israel — revelada na Torah — estava totalmente ligada à Terra Santa. A Torah também servia de base para o rigor dos essênios que seguiam as leis de maneira extremamente escrupulosa. Como estas leis eram muito severas, era difícil satisfazê-las e muitos a abandonavam. Alguns eram enviados de volta quando já não podiam perseverar na observância das regras; outros partiam espontaneamente.

O Pergaminho da Regra consiste em uma lista de normas disciplinares que devem ser tomadas em caso de transgressão. Por exemplo: “Aquele que, durante uma reunião, adormecer três vezes, será excluído por dez dias. E aquele que rir como um tolo em voz alta será punido por trinta dias” (Pergaminho da Regra, VII, 11 e 14).

Os essênios também legaram à Torah suas prescrições quanto à pureza. Um exemplo diz respeito à purificação ritual por imersão. Esta purificação devia acontecer ao menos duas vezes por dia antes das refeições comunitárias, que eram assistidas exclusivamente pelos membros que, depois de pelo menos um ano de estudo da Torah, tivessem

passado por um exame. Depois de um período probatório de três anos, os membros prometiam jamais trair os segredos do modo de vida dos essênios.

Quem se tornasse um adepto qualificado deveria transmitir todos os seus bens à comunidade, continuando ele próprio a administrá-los. Daquilo que ele tirasse e de outros proventos, ele deveria dar um décimo (dízimo) para as refeições comunitárias e dois décimos (dois dízimos) para fins sociais. As regras de vida visavam ajudar os membros a dominar sua natureza inferior.

Qumram (atualmente Khirbet-Qumram, colina em forma de ruína a noroeste do Mar Morto) foi destruído em 68 d.C. pelos romanos. O conjunto preenchia realmente a função de uma espécie de academia ou de local de refúgio espiritual. Os membros da comunidade podiam passar um tempo neste local, durante um certo número de semanas, de meses ou de anos, para aí aprofundar-se nos escritos tradicionais. Aí também foram redigidos inúmeros pergaminhos. Como em Ain Feshka, que fica a 2 ou 3 km ao sul, aí se encontram as oficinas dos escribas. Os produtos químicos necessários para o tratamento do couro e dos papiros eram levados pelo mar Morto. Mais ao longe, foram descobertos canais que levavam água fresca das montanhas a Qumram e Ain Feshka. Aí se cultivavam tamareiras, figueiras e legumes. Às margens do Mar Morto cresciam taboas com as quais eram confeccionados colchões e telhados. Também havia construções onde os artesãos e comerciantes exerciam suas profissões.

## TRECHOS DOS HINOS

*... Pois, sem tua vontade, nada se faz e nada é conhecido.*

*Conheci estas coisas graças a tua inteligência;*

*pois desvelastes meus ouvidos para os Mistérios maravilhosos. Mas não passo de uma criatura de argila, que se petrifica com água, da base da vergonha e a fonte da sujeira, do cadinho da iniquidade e da edificação do pecado, do espírito da perdição, perverso, desprovido de inteligência e a quem os julgamentos da justiça apavoram!*

*O que poderia eu dizer que já não fosse conhecido? E o que faria ouvir que já não tenha sido narrado? É a ti, Deus dos conhecimentos, é a ti que pertencem todas as obras de justiça, a base da verdade; mas ao filho do homem pertencem o serviço da iniquidade e as obras enganosas (Hino A).*

*Em seu coração colocastes a inteligência para que ele abrisse a fonte do conhecimento para todos os inteligentes (B).*

*Rendo-te graças, ó Senhor, pois resgastaste minha alma da sepultura e do Sheol... fizeste com que eu me elevasse novamente a uma altura eterna, e passei por uma planície infinita(F).*

*Rendo-te graças, ó Senhor, pois iluminastes minha face pela tua aliança e... encontrei-te, e, qual uma verdadeira aurora, ao nascer do dia, apareceste a mim(H).*

## TRECHO DO PERGAMINHO DA REGRA

*“Para buscar a Deus com todo (seu) coração e (sua) alma, para fazer o que é bom e direito diante dele, segundo o que ele prescreveu por meio de Moisés, e por meio de todos os seus servidores, os profetas;*

*e para amar a tudo o que ele elegeu e para odiar a tudo o que ele desprezou; para afastar-se de todo o mal e para ligar-se a todas as boas obras;*

*e para praticar a verdade e a justiça e o direito sobre a terra, e para já não seguir a obstinação de um coração culpado, nem com os olhos luxuriosos que cometem todas as espécies de mal; e para fazer entrar todos os voluntários, os que querem praticar os preceitos de Deus, na Aliança da graça. (I, 1-8)*

*E todos aqueles que decidem entrar na regra da comunidade passarão na Aliança na presença de Deus (comprometendo-se) a agir de acordo com tudo o que ele prescreveu e a não voltar as costas para ele sob o efeito do medo ou do pavor ou de uma provação qualquer, se forem tentados pelo império de Belial. (I, 16-18).*

*E ninguém haverá de descer abaixo do posto que deve ocupar, nem haverá de elevar-se acima do lugar que lhe é destinado.*

*Pois todos estarão na comunidade da verdade e da virtuosa humildade e da afetuosa caridade e da escrupulosa justiça, um pelo outro, no Conselho da Santidade, como filhos da sociedade eterna.*

*Mas quem quer que seja que desprezar os caminhos do Senhor e deixar de entrar neles para seguir a obstinação de seu coração não passará em sua Comunidade da Verdade. (II, 23-26)*





## À ESPERA DO MESSIAS

Os essênios não apenas estudavam a lei do Antigo Testamento, mas também os Profetas e os Salmos. Em Qumram foram encontradas transcrições de quase todos os livros do Antigo Testamento. Para os membros da comunidade, estes escritos confirmavam sua opinião segundo a qual eles eram os herdeiros das promessas divinas. Para eles, a Bíblia evocava sua própria história, seus sofrimentos e seus combates, mas também sua certeza de que a salvação estava próxima.

Entre eles sempre houve visionários que não somente prediziam o futuro do grupo como também falavam do Messias que deveria vir. É daí que vinha sua força e seu estímulo. Sem dúvida, eles contribuíram grandemente para o desenvolvimento da concepção judaica do Messias. Esta idéia, muito viva entre eles, assim como sua vida piedosa, provinha da convicção de que eles deveriam preparar um lugar para o nascimento deste Messias.

Os essênios sentiam um profundo anseio pela salvação e por um novo mundo. Eles tinham grandes exigências quanto a seu comportamento a fim de preparar o corpo e a alma para a vinda do Messias. Sua visão do mundo mostra que eles consideravam o campo de vida dos homens como um campo de vida dialético. A doutrina divulgada prodigamente na comunidade não compreendia apenas os conceitos tirados do Antigo Testamento, mas também as antigas concepções persas (doutrina de Zoroastro) sobre a luta entre o bem e o mal. Entretanto, esta visão dualista não era simplesmente emprestada: ela era completada pela afirmação de que o Deus de Israel era o criador do mundo e o dono do destino de seu povo. Aqui, observa-se que eles colocavam seu deus acima das contradições entre bem e mal, entre luz e trevas.

Eles consideravam sua época como um período de purificação e de provas

onde apareceriam grandes oposições. Verdade e mentira, luz e trevas, iriam opor-se cada vez mais. Seria preciso escolher: quem quisesse pertencer à comunidade da salvação deveria respeitar as regras da vida, praticar a pureza, ser firme e perseverante. Para eles, estava claro que somente a graça de Deus poderia conduzir à Luz.

A partir de 1947, a mensagem dos essênios tornou-se novamente atual: "Preparai-vos para a vinda do Salvador! Dirigi vossos anseios para o portador da salvação! Cumprí vossa missão!" Esta é a essência de sua doutrina.

Para o atual buscador da verdade, esta doutrina oferece inúmeras e preciosas referências, com a condição de que ele não deixe que nenhum critério exterior venha interferir, mas que, ao contrário, se desligue de toda e qualquer imagem ligada à época com todas as suas limitações. O homem do século XX não está colocado diante de um processo de purificação corporal, mas diante do caminho de uma libertação interior que possibilita o processo de transfiguração.

# SERVIDORES DA LUZ

*Os apreciadores dos romances de J. Anker Larsen sabem que eles são repletos de sabedoria e relatam “vivências da eternidade”, expressão empregada pelo próprio autor para descrever um estado que aos poucos tornou-se realidade. Este autor pertencia à grande família dos que “vivenciam a eternidade”, dispersa pelo mundo afora.*

A partir dos fragmentos de sua autobiografia, de passagens de seus romances e de citações de uma de suas conferências, podemos concluir que J. A. Larsen era claramente orientado pela Gnosis.

Para abrir a porta aos que têm sede de espiritualidade, como ele diz, Larsen apenas descreve sua evolução espiritual em forma de autobiografia. E evita o emprego da palavra “eu”, dizendo: “Jamais vi ninguém ficar mais bonito empregando a palavra ‘eu’”.

Anker Larsen nasceu nos anos 80 do século passado, na Dinamarca. Ele cresceu em uma família de camponeses, e, mesmo que o povo de sua região não fosse particularmente religioso, desde cedo começou a sentir que deveria existir alguma coisa que fosse eterna. Este sentimento tornou-se para ele uma espécie de realidade interior que, por assim dizer, o envolvia. De tempos em tempos, ele sentia muito claramente esta realidade como raios de sol na pele (como ele mesmo dizia, esta comparação era “falha” por natureza).

E aconteceu que este sol celeste o iluminava tão profunda e intensamente que ele esquecia o mundo exterior, seus companheiros de brincadeiras e suas molecagens.

Na velhice, esta luz do sol celeste desapareceu imperceptivelmente de sua existência, as sombras foram-se tornando espessas e transformaram-se em uma realidade grosseira. Finalmente, este sentimento de eternidade tornou-se para ele apenas passado e ele já não reconhecia mais nada.

**“UM LUGAR ÁRIDO PARA UMA ALMA SEDENTA”**

Entretanto, em seu imo, ele sentia um grande vazio. Suas tendências religiosas fizeram com que ele empreendesse estudos para tornar-se pastor. Mas estes estudos não duraram muito tempo, pois ele tomou consciência de que a faculdade de teologia era apenas “um lugar árido para uma alma sedenta”. Ele comparava este ensino a uma bebida que alguém teria chamado de café sem ter nenhuma de suas características.

Depois de ter dado adeus à Teologia, ele voltou-se para a Teosofia. Aí ele descobriu, como dizia, os “papéis de família”: os antigos textos gnósticos como o Tao Te King, os Upanishades, o Bhagavad Gita, as obras dos escritores sufis e dos místicos cristãos e também o Novo Testamento. Mas ele não encontrou entre os teósofos a realidade que procurava, e criou uma grande antipatia pelo método metafísico, além de descobrir o grave perigo do ocultismo.

**ASFIXIA POR FALTA DE AR**

No folheto: “Sobre a verdadeira vida”, ele descreve o ocultismo da Teosofia da



O autor  
dinamarquês  
J. Anker Larsen



época como um treinamento pessoal para obter um instrumento de precisão a fim de adquirir o conhecimento dos mundos superiores. Mas, perguntava-se ele, o que o ocultismo consegue com isto? Ele estuda o mundo astral e amplia os conhecimentos exteriores — nada mais! Isto não proporciona nenhum desenvolvimento da alma, nenhum crescimento espiritual! Muitas pessoas perderam seu equilíbrio psíquico e físico com estas práticas.

Além disso, ele mesmo havia contraído uma “infecção metafísica” que parecia querer tornar-se crônica, dizia ele. E mais: a doutrina evolucionista da Teosofia não lhe parecia nada mais do que uma “asfixia por falta de ar”. Quanto a isto, é interessante constatar que ele aprofundava-se no tema das duas ordens de natureza, sobre o qual ele esclarecia alguns aspectos em seus romances. Ele falava sobre isto como “o que está aberto” ou “o que está fechado”, ou ainda sobre “o ponto” e “a curva”.

#### EXPLICAÇÃO A RESPEITO DAS DUAS ORDENS DE NATUREZA

Em seu romance “Santificação” (1928), ele ilustra estes conceitos apresentando um velho que conta aos jovens várias histórias de profundo significado, enquanto vai fumando seu cachimbo.

Em suas narrativas, ele explica que a parte interna do cachimbo, toda queimada, representa o mundo visível e fechado, e que o lado exterior, brilhante, representa o mundo divino, o mundo aberto. É o mesmo cachimbo, mas... que diferença entre o interior e o exterior!

Em “Embriaguez” (1934), o personagem principal tem uma visão: ele vê uma enorme roda que vai girando enquanto transporta toda a espécie de coisas de baixo para cima e, inevitavelmente, de cima para baixo. É somente no eixo, o ponto imóvel, que se encontra a eternidade.

Esta imagem faz pensar imediata-

mente nas palavras de Jacob Boehme: “Deus fechou o mundo do corrompido, mas assim mesmo Cristo encerrou este mundo no coração”.

### **SAUDADE DO “SOL CELESTE”**

Depois de ter saído ileso da selva metafísica da Teosofia, mas com as mãos vazias depois de todas estas experiências decepcionantes, ele foi invadido por uma saudade infinita do sol celeste de sua juventude, que sempre fazia com que ele se voltasse para os “papéis de família”. Finalmente ele descobriu: estes textos não somente falavam a respeito da mesma coisa, como, longe de enunciar considerações filosóficas, eram a expressão de experiências vividas! Ora, era exatamente isto que ele buscava, antes de tudo! A teoria não podia satisfazê-lo: era preciso que ele vivenciasse a própria realidade.

Naturalmente, esta realização não foi fácil para J. A. Larsen. Inúmeros obstáculos foram-se apresentando diante dele, como para todos aqueles que buscam a verdade. E, quando uma certa abertura do sol da eternidade aconteceu, o veredito da Luz foi implacável: “Levas uma vida completamente falsa. Somente conhecerás a nova vida se voltares a ser como uma criança”.

“Então”, disse o autor, “não foi tão simples. É muito mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um adulto voltar a ser criança”. Ele lembrava-se muito bem da angústia de ter de romper com o nível de civilização e de cultura que prevalecia na época.

Conhecimento, talento, sentimento de seu próprio valor... era preciso abandonar tudo isto e ficar novamente no nível do primeiro trabalhador do campo.

Depois de ter visto alguns resultados e de ter recebido alguns clarões da nova vida, ele começou a desejá-la cada vez mais intensamente. Ele tentou chegar a estes estados por meio da vontade, mas isto só fazia com que se distan-

ciasse mais. Então, renunciou a sua vontade pessoal e decidiu viver cada dia que Deus lhe concedesse de acordo com a prece interior: “Senhor, que queres que eu faça?”

Este processo exigia tempo e aplicação. Mas, seguindo este caminho ele percebeu que as correntes do tempo e do espaço iam-se afrouxando. O desejo e a saudade que sentia com relação a pessoas ou lugares amados iam-se enfraquecendo, não porque estes sentimentos tivessem esfriado, mas porque ele já não sentia esta separação tão fortemente como antes.

### **OS VELHOS HÁBITOS SÃO TEIMOSOS**

Em um certo momento, ele sentiu que seu processo espiritual estava sendo conduzido por entidades superiores.

Lentamente a primavera voltou a sua existência.

A intensa vivência da realidade eterna voltava mais freqüentemente. Se um amigo mais próximo lhe perguntasse por que ele não se havia tornado um santo mais rapidamente, ele teria respondido que ele mesmo estava espantado com tudo isto. Era preciso, naturalmente, livrar-se de muitas manchas e velhos hábitos que eram realmente muito teimosos!

Apesar disso, o sol celeste de sua infância tinha ressurgido com força e havia-se tornado dentro dele uma espécie de nova consciência. Este fato o inspirava profundamente em suas obras e nas conferências que ele era convidado a proferir, esperando reencontrar as almas-corações, sensíveis a tudo o que tanto o preocupava.

### **O SÉCULO DA DISPERSÃO E DA DISTRAÇÃO**

Nos anos 20, ele deu algumas conferências na antiga escola de Filosofia de Amersfoort, na Holanda. Nelas, ele pro-

nunciou algumas frases de grande significado para este final de século:

“Vivemos em um século de dispersão e de distração. Ora, cada distração é como uma pá de areia nas profundezas do pensamento, e nós nos divertimos com isto sem perceber que nos divertimos com nossa própria perdição.

As gerações futuras serão cada vez mais dominadas pela vida mecânica e, a cada segundo, uma nova dispersão transformará todo o pensamento profundo em supérfluo. Além disso, os jovens serão aprisionados, de um lado, pelas correntes de considerações dogmáticas, o que não lhes permitirá a chance de expressarem seu espírito, ou mal lhes dará esta chance; por outro lado, eles serão aprisionados pelas correntes de uma intelectualidade estéril que, por sua arrogância, intimidará estes jovens ao ponto de acharem que a sede de eternidade é uma loucura.

Felizmente, inúmeras pessoas não ficarão satisfeitas por muito tempo com tudo o que esta época vai-lhes oferecer; por fim, a fome e a sede se farão sentir e forçarão muitos a buscar outras satisfações. Já existem pessoas, aqui e ali, espalhadas pelo planeta, que não querem mais ser pioneiras em uma vida desprovida de valores eternos e que sentem a necessidade de novamente buscar a Deus”.

“Não me posso impedir de aspirar com grande esperança por um tempo em que estas pessoas haverão de formar a elite religiosa, pessoas que terão considerado estes velhos dogmas como belas antiguidades a serem jogadas fora cuidadosamente e com muita precaução, a fim de que não entrem o novo que está crescendo. Esta é a primeira necessidade, se o homem quer realmente curar-se”

(Citação de uma conferência de J. Anker Larsen, 1927.)

Se perguntardes se este caminho pode ser percorrido individualmente ou não, encontrareis a resposta no livro de Larsen intitulado “O rei Lear de taman-

cos”, escrito em 1933. Este romance se passa nos anos 20. O personagem principal diz, em um certo momento, que dentro de pouco tempo já não será possível seguir o caminho de auto-realização individualmente.

O livro “Santificação” termina com um apelo do personagem principal, que chegou à própria santificação e decidiu criar uma comunidade religiosa.

Como este artigo trata principalmente de “vivências da eternidade”, deixemos que o próprio J. Anker explique o que é e o que não é a vida eterna:

“A vida eterna está sempre nos seguindo, como uma doença crônica, como uma espécie de tuberculose espiritual que apresenta os mais diversos sintomas:

- o fantasma que, sendo gerado pela insatisfação causada pelas dificuldades da realidade, a deforma;
- a idéia de que a eternidade tem uma dimensão, de onde nasce a convicção de que a vida eterna somente pode começar após a morte;
- a crença de que os pais se perpetuam nos filhos, que consideram que cuidar deles durante toda a vida é um sacrifício;
- mesas que giram e delírios religiosos frenéticos em pessoas com dons mediúnicos e espiritistas;
- e, como já dissemos, “asfixia por falta de ar da visão evolucionista”.

#### **A VIDA ETERNA É UM ESTADO DE ALMA**

“Gostaria de dizer aos jovens que ainda são receptivos: a vida eterna não é uma região que fica do outro lado da morte, onde o sol jamais haverá de se pôr e onde os anos seriam infinitos. A vida eterna — e eu não me canso de falar — é um estado de alma e não uma simples continuação desta vida. É a verdade mais profunda da vida que invade e desenvolve o ser que atingiu a santificação.”

“Tomem cuidado com todas estas

peessoas bem intencionadas, seja do domínio político, social, religioso ou científico, pois nada provoca tanto mal como “o bem”, o bem intencional, o bem pedante e presunçoso, que tem necessidade de ser imposto a todo custo. E que esta bem-aventurança sempiterna e exagerada que se impõe sob tantas formas nestes países não os cegue. Ela não passa de um comprimido de aspirina para aliviar as dores de cabeça de uma humanidade que se está enfraquecendo.”

“Que jamais alguém consiga fazê-los de bobos. Não percam a coragem: construam com toda a confiança, em seu coração, um altar para o Deus desconhecido. Dia virá em que ele mesmo acenderá o fogo sagrado neste altar que foi erigido para ele, com tanta esperança. E quanto mais numerosos formos aplicando-nos nesta tarefa, mais intensamente encontraremos o perfume das flores do Paraíso neste mundo que tanto carece de espaço e de tempo.

Então, haverá de surgir, nestes seres, uma ternura espontânea que emanará deles, sem distinção de ninguém. Esta poderosa ternura é o sol da eternidade, que brilha sobre bons e maus. É o bem espontâneo, que é o Único e Verdadeiro Bem.”

E o autor, cheio de humor, finaliza:

“Se, em troca da nova vida que já adquiri, alguém me propusesse todas as coisas desejáveis deste mundo, prometendo-me que poderia guardá-las para sempre, eu morreria de rir e jogaria tudo isto em um monte de lixo”.

## A REALIDADE DA REENCARNAÇÃO

*A vida de um ser humano é o resultado de inúmeras vidas que se vão desenrolando em seu microcosmo e de circunstâncias nas quais ele se encontra, enquanto é mais um habitante deste microcosmo. O microcosmo, ou pequeno mundo, é um campo de manifestação onde sempre está renascendo um corpo material, que é o sistema que serve de veículo ao microcosmo e que expressa as forças e possibilidades que estão presentes neste microcosmo.*

Vagando na natureza do mundo decaído, o microcosmo divino foi profundamente danificado. Seu puro estado original já não existe: ele está muito mutilado e desfigurado, e seu último habitante é a demonstração disto. Por isso, cada um é diferente, comporta-se diferentemente e vivencia experiências diferentes. Neste sentido, podemos dizer que a reencarnação existe, mas não é a personalidade quem volta.

A soma das experiências vividas em vidas anteriores forma a consciência que se expressa em uma nova personalidade. Da mesma forma que cada pessoa carrega em seu sangue os fatores hereditários de seus pais e age de acordo com eles, cada um carrega também fatores hereditários de todos os habitantes que o precederam neste microcosmo. E são estes fatores que determinam sua vida e seus atos. O que chamamos de karma nem sempre é desfavorável. Se os habitantes precedentes

do microcosmo esforçaram-se para encontrar o caminho de volta à vida original, o microcosmo apresentará esta marca benéfica, positiva.

Quando examinamos a nós mesmos e a outros, logo vemos que a natureza divina original já não está presente. A vida cotidiana não passa de luta, preocupação, doença, guerra, destruição, e horríveis massacres. O homem declarou que Deus está morto! Já não há nenhuma perspectiva de vida espiritual e ele se esforça por realizar o céu na terra.

Se examinarmos a questão mais de perto, perceberemos que cada um procura realizar seu próprio céu terrestre pessoal: alguns, por meio de um ideal; outros, por meio das armas, do dinheiro, do poder. Todos se esforçam para idealizar suas existências, para estabilizá-las e prolongá-las. O que era considerado há algumas décadas como uma idéia inadmissível, uma "idéia negra", tornou-se um fato evidente: é preciso lutar para viver. E convenhamos, não há nada de sublime nisto.

#### **A OPOSIÇÃO ESTÁ CADA VEZ MAIS EVIDENTE**

É por esta razão que o número de buscadores está sempre aumentando, mas também aumenta o número de derrotados. Entretanto, muitos não ficam passivos e reagem cada vez mais violentamente contra a falta de perspectivas da existência. Os buscadores da verdade divina estão chegando a um limite em que, depois de um longo processo de desenvolvimento, têm o dever e a possibilidade de fazerem uma escolha, e de preparar-se para seguir o caminho para sair de toda esta miséria e assim atingir a meta de sua existência.

Conseqüentemente, é preciso que eles abandonem e aniquilem tudo o que é antigo, tudo o que os rebaixa, a fim de atingir o novo, que eleva e que é construtivo e eterno. Eles são numerosos e se encontram na encruzilhada dos caminhos, na véspera de um novo proces-

so de desenvolvimento para o qual toda a humanidade está convidada e preparada. E estão liberados para aceitar ou não este convite.

#### **CHRISTIAN ROSENKREUZ: ESTE ACEITOU O CONVITE**

Este é o protótipo do Novo Homem, sobre o qual falam os manifestos dos rosa-cruzes da Idade Média. É o homem que abandona sua antiga vida e se prepara para entrar na vida imortal. Christian Rosenkreuz recebe o convite na véspera de Páscoa, no momento em que sua antiga vida chega a um fim e quando ele pode ultrapassar a fronteira para entrar na nova vida. Ele é chamado a escolher: a aceitar ou não o convite.

Para aceitá-lo, ele deve satisfazer algumas condições: é preciso que ele se prepare para isto, diz o texto. Como esta situação se apresentará para muitos homens de nosso tempo, estudemos esta preparação para que eles possam reconhecer este chamado, agora que ele ressoa novamente sobre o mundo.

Antes que qualquer ser humano esteja pronto, será preciso que ele execute interiormente sete atos libertadores. Mortalmente cansado e em desespero, ele deverá sentar-se na encruzilhada dos caminhos de sua vida. Depois de chegado aos limites de suas possibilidades pessoais, ele já não poderá ir longe: tudo quebra em suas mãos. Sua consciência tenta orientar-se e ele se debate como um pássaro cativo nos limites de seu pequeno mundo.

Para que serve a criação? Para que serve a vida? Ele busca. Ele recusa tudo. Ele nega todas as autoridades, ele se opõe a tudo o que é tradicional em todos os setores: está cansado de tanta quinquilharia!

#### **ESCAPANDO DAS INFLUÊNCIAS ENGANOSAS**





Ele se esforça por examinar sua vida, avaliando os acontecimentos e os resultados. Ele já não pode seguir adiante. Existe um umbral muito claro a ser ultrapassado. Para fazer isto, impulsionado por sua tristeza interior, ele rompe espontaneamente com todas as influências que agem sobre ele. Ele se opõe a todas as autoridades, a seu meio ambiente, a sua família, a sua educação... mas ele ainda não se opõe a estes aspectos dentro de si: conseqüentemente, ele ainda é sensível a estas influências, exterior e interiormente, e ainda não é capaz de libertar-se delas.

Entretanto, ele sabe e sente interiormente que, além deste umbral existe uma nova vida, completamente diferente, e ele vai-se retirando cada vez mais

da vida cotidiana.

Neste estágio, ele pode tornar-se, por exemplo, um reacionário excêntrico, de quem todos zombam e contra quem muitos se voltam. Ele tem idéias tão estranhas! Se ele se deixar levar por esta luta, está perdido. Mas, se ele for afastando-se cada vez mais destas tormentas astrais, a luz libertadora haverá de descer dentro dele, até seu subconsciente. Esta situação é muito bem ilustrada, com precisão, na descrição do poço no fundo do qual se encontram Christian Rosenkruz e seus companheiros, e onde sete cordas são baixadas, uma a uma.

#### **A DESCOBERTA E O ENFRAQUECIMENTO**

Todas as vidas humanas deixam seus rastros. O tempo os apagam e vai dando lugar para novas experiências.

## DO PASSADO

Quando a tampa do poço é erguida, e o primeiro raio de luz cai dentro dele, começa uma grande confusão: cada um luta para tentar escapar. O subconsciente é “descoberto”, enfraquecido, atacado e desintegrado. O passado, com todas as ligações que aí tivermos operado, e que agem na vida cotidiana como antenas e tentáculos, é pouco a pouco fechado e aniquilado. A porta da antiga vida se fecha, e a nova vida se anuncia.

Todo e qualquer buscador deve seguir este processo individualmente e em plena consciência. Ninguém pode fazer isto por ele. É preciso que ele aprenda a libertar-se por si mesmo das influências de seu próprio campo de existência: as forças e potestades que aprisionam sua alma. Deste ponto de vista, verifica-se a máxima famosa: “Carpe Diem” (Colhe o dia). Ou seja: “Utiliza as oportunidades que te são oferecidas, antes que seja tarde demais!” Quem sobe o primeiro degrau deste processo, observa que a unidade entre a cabeça e o coração vai sendo restabelecida gradualmente.

A cabeça pensa, pensa, pensa, e o coração sente, deseja e se abre, mas os dois não entram em um acordo. Se os pensamentos não traduzem os sentimentos, sem os expressarem, como pode haver unidade? Sabemos o quanto os pensamentos e os sentimentos podem-se opor violentamente. Alguns chegam a uma certa unidade entre a cabeça e o coração, e dão testemunho disto com um poderoso carisma. Mas não se trata deste tipo de unidade, ou, se existe uma ligação entre a cabeça e o coração, o coração está submetido à cabeça.

## O PLANO DO NOVO HOMEM ESTÁ DENTRO DO CORAÇÃO

Christian Rosenkreuz busca a unidade que desabrocha no coração puro e aberto, onde se encontra o ponto que, como uma porta, dá acesso à vida do homem imortal: o elo de ligação que une a antiga e a nova vida. Neste ponto em que se encontra o proto-átomo ou o átomo-centelha-do-Espírito, está gravado o plano de desenvolvimento completo do Novo Homem imortal, de onde surgirá a unidade.

Por que este plano não tem como base a cabeça? Porque este ponto de contato interior não existe na cabeça, que somente reflete o que se passa no coração.

É por isso que todos os que querem progredir devem restabelecer a unidade original da cabeça e do coração. A corrente de pensamentos direcionados pela matéria deve ser purificada e os pensamentos devem dar uma resposta positiva à nova força que age no sangue a partir do coração. A recusa espontânea da natureza decaída e de suas influências faz com que o coração libere novas forças, que agem sobre o mental e o transformam visando o bem.

Os pensamentos renovados são direcionados pela nova vida imortal. Este processo exige tempo e total atenção. Cabeça e coração devem adquirir uma vontade única, e devem ser ligados sobre uma única e mesma base. Quando for o caso, eles formarão, juntos, o cálice do Graal, no qual serão recebidas as novas forças vitais.

É claro que se trata de um processo radical, de uma irradiação extremamente poderosa: um cálice do Graal está sendo construído no coração do microcosmo.

As narrativas que envolvem estes mistérios mostram como estes processos são delicados e sensíveis! Pensamentos e ações errados podem quebrar, de um só golpe, o vaso de cristal de pura luz, e isto acontece muitas ve-

zes antes que aquele que busca a libertação interior tenha formado dentro de si o inviolável cálice do Graal.

## **A REGENERAÇÃO DE TODAS AS CRIATURAS**

Se ele chegar a este ponto, então já é capaz não somente de receber as forças divinas, como também de expandi-las em forma de bênçãos sobre todos os reinos da natureza. Estas forças agem também dentro dele, purificando todo o seu sistema e adaptando-o para a nova tarefa. Um novo metabolismo começa a se instaurar: ingestão e eliminação se equilibram e a saúde é a melhor possível. Entretanto, é evidente que certos fatores provenientes das diversas vidas passadas não podem desaparecer de uma vez só. A expressão “a melhor saúde possível” deve ser assim compreendida: dentro das condições naturais em que se encontra o corpo material.

Mas um novo metabolismo, visto como um aspecto da transfiguração, realmente acontece. Os pólos das células e órgãos vão sendo sistematicamente invertidos e tornados aptos para receber a força não-terrestre que é a Luz de Cristo, a Gnosis.

Quem não resistir à prova é aniquilado, enquanto que aquele que reage puramente a ela, é integrado ao plano de desenvolvimento e participa da nova manifestação de vida

Quando este fenômeno adquire uma base sólida, podemos dizer que as forças da antiga natureza já não são empregadas nem esbanjadas. O homem recebe, regenera e expande a força a sua volta. Deste ponto de vista, a criação é quem permite ao homem manter-se e reproduzir-se. A força criadora tal como a conhecemos é exclusivamente empregada para consolidar a vida, prolongá-la e torná-la o mais agradável possível. Esta força criadora está totalmente direcionada para a manutenção da antiga vida, por mais paradoxal que

isto possa parecer. Mas, quando alguém se liberta da antiga vida, já não tem necessidade de manifestar-se nesta vida, de expressar seu ideal, de fazer valer seu poder e sua força. Ele emprega as forças que lhe foram atribuídas para servir aos outros e guiá-los até a vida superior.

## **REGENERAÇÃO DE CADA CÉLULA**

Entretanto, ele somente poderá fazê-lo se já tiver operado sua conversão, a “reviravolta” fundamental; se já tiver dado as costas para a antiga natureza e já não dilapidar sua força criadora querendo eternizar a vida mortal. A partir deste momento, a força do inconsciente, a força do passado que quer aprisioná-lo à vida terrestre já está aniquilada, e a morte já foi vencida. A resistência interior, a muralha que cerca o plano divino é demolida pela Gnosis. A Luz crística aflui para sempre, livremente, tocando e purificando o sistema humano em toda a sua extensão.

Cada célula, cada veia, cada átomo do antigo sistema passa pela prova e é preparado para a nova vida.

A luz divina, a Gnosis que está em Cristo desce às trevas, ligando-se novamente ao homem e conduzindo-o para fora do mundo da doença e da morte, rumo ao Reino do Eterno Devir.